

## Os Ourives

Em primeiro lugar vamos mostrar a casa da Dona Malvina, ou Marvina (em *saltopiraporês*) para os mais chagados, onde muitos dos personagens desta história viveram e outros frequentaram.



### **A casa da dona Marvina, que hoje é uma acolhedora pousada**

Como já disse, não sigo um roteiro, nem ordem de qualquer espécie e conforme os assuntos vão jorrando aos borbotões, vou despejando no papel sem a mínima preocupação organizacional. Vou continuar assim, misturando viagens, assuntos profissionais, música e vida pessoal num verdadeiro “samba do crioulo doido”. Como escrevo sem uma finalidade precípua, pensando apenas em registrar fatos, mesmo que para poucos leitores se é que os terei, o mote é jogar para o papel todas essas experiências fantásticas de vida que tive, tenho e pretendo continuar

tendo por muito tempo, se Deus o quiser. Gosto de dizer que vivo intensamente cada momento e mesmo nos momentos de explosão de raiva ou decepção, costume tirar uma lição de vida e continuar achando que a vida vale a pena. E muito. Conheci lugares e pessoas fantásticas e com cada uma delas aprendi um pouco: desde o lavrador analfabeto como o Anselmo que me ensinou as fases da lua para plantar e para colher, ou o Elpídio Lemes que me ensinou quando uma vaca estava “mojando” até grandes homens de sucesso como Odilon, Aurimar, seu sócio, Moretti, engenheiro agrônomo que completou com conhecimentos técnicos o que o Anselmo havia me ensinado da sua prática de homem simples do campo. O Seu Elpídio Lemes quando lhe perguntei como saber se uma vaca estava nos dias para *criar*, ele do alto do seu chapéu de abas largas e do lenço no pescoço e paletó de brim tentava me explicar: “Óia Carlinho, quando a vaca tá mojando, tá pá criá, o vaso dela começa a inchê...” Eu perguntei, o vaso sanguíneo Seu Elpídio? e ele: “Não Carlinho, você óia por trais da vaca, no vaso da vaca, ele vai tá inchado”. Ele como homem de muito respeito não queria pronunciar a palavra *buceta*. Conteí a história para o “Tonhão Soares”, homem bruto da lida que tinha uma habilidade extrema com o relho. Quando uma rês tentava se desgarrar do rebanho, ele do alto do seu baio virava os tentos de couro trançado de quase dois metros e fazia estalar na orelha do bicho, que murchava e voltava pro meio do gado. Tinha grande habilidade também para soltar cabeludos palavões. Quando conteí a história ele repetia em altos brados: “Que vaso, que vaso. É *buceta* mêmô, *buceeeetaaaaa*.” Aliás Chico Anísio dizia com muita propriedade que o verbo “embucetar” era o melhor verbo que conhecia para descrever qualquer situação: “nossa, embucetô tudo, que embocetada do caralho e por aí vai.” O Tonhão Soares me contou a história de uma briga do Zilo c’ô Nésio Diabo. Este já tinha a alcunha porque era o diabo em pessoa. O Zilo que sabia da fama do outro se defendeu com uma foice. Contava o Tonhão: “Ói, o Zilo deu uma foçada na cabeça do Nésio Diabo, que roçô um parmo em quadra”. Ou seja roçou um quadrado de um palmo por um palmo na cabeça do outro. A expressão “em quadra” é muito usada na medição da “tarefa” para arranca de feijão por exemplo. Uma tarefa de chão dava se não me engano, 22 braças em quadra e a braça era medida do chão até a ponta do dedo do braço esticado: mais ou menos 2,20 metros. Um alqueire tem 32 tarefas.

Voltando à minha vivência: Conheci muitas mulheres, frequentei muitos bailes e festas memoráveis. Hoje, maio de 2020, mesmo neste recesso de tempos de pandemia levo a minha vida como no filme “A Vida é Bela”, de Roberto Begnini. Como se estivesse num jogo de faz de conta, uma gincana, e a certeza de que tudo vai passar, que o sol vai continuar a brilhar, a chuva a criar, as flores a desabrochar e a vida a valer a pena. Por tudo que já vivi me considero um homem bafejado pela sorte. Sinto a proteção dos meus pais e irmãos que cuidei com carinho extremo e hoje colho os frutos e me sinto inteiramente recompensado. Tenho uma vida familiar muito prazerosa e minhas companheiras matrimoniais, tanto do primeiro casamento como do atual, são pessoas muito dignas, honestas e competentes e que só me ajudaram e ajudam a fruir e usufruir de uma vida de muitos pequenos e grandes prazeres. Minha esposa atual, Patrícia, tem um grande coração e juntos, procuramos ajudar os próximos da melhor maneira que podemos. Há, especialmente nesse ponto, uma simbiose total e um propósito de vida em que dividimos o prazer de poder ajudar à quem quer que seja. Desde um desconhecido que de muletas precisa de uma carona para chegar na Santa Casa, ou uma pobre mulher que empurra uma cadeira de rodas ladeira acima para levar a filha jovem ainda, paralisada por um

AVC para um atendimento médico. Uma carona para uma desconhecida na beira da estrada que espera por um ônibus inter municipal que não virá devido à uma greve, por ela desconhecida. Tudo isso nos dá imenso prazer e é maravilhoso dividir com alguém essa alegria de ajudar o próximo, por mais insignificante que seja essa ajuda. Me faz lembrar ainda outra história. Estava numa academia de tênis que fica entre Salto de Pirapora e Sorocaba, onde depois do jogo fizemos um churrasco e ao tomar a estrada de volta para Salto de Pirapora me deparei com um carro parado no acostamento. Olhei aquele carro no meio do nada, faróis apagados e me aproximei com cuidado, sem descer do carro, temeroso de algum golpe mas vi que dentro do carro tinha uma mulher com uma criança no colo, sentada no banco do carona. Baixei o vidro e com certa cautela perguntei o que estava acontecendo. Ela voltava de Pilar do Sul, o carro pifou e o celular estava descarregado. Fazia meia hora que estava ali parada, sem saber o que fazer. Ofereci para levá-la para casa mas ela apenas pediu para usar o meu celular e chamar o marido, que prontamente atendeu e falou que estava saindo de casa para vir buscá-las. Ela agradeceu e eu peguei a estrada para voltar para casa mas, ainda no caminho me arrependi de não ter esperado com ela a chegada do marido ou então levá-la para a academia do André, pois a menina sentia frio e a pobre mulher não tinha um agasalho conveniente: a cobria apenas com sua blusa. Poderia ter feito melhor mas na hora não me dei conta. Paciência. Numa outra ocasião notei que uma senhora esperava por horas, perto do portão de uma das minhas pousadas e não arredava pé dali. Estava esperando por uma carona que não apareceu e ela morava no bairro da Fazendinha, uns oito quilômetros de estrada de terra. Avaliei a situação: celular apagado, sem ônibus, sem parentes para “pidí pôso” e ainda começando a chover. Encarei a estrada barrenta, 16 km ida e volta. Quando estava indo para Sorocaba, onde já morava com a Patrícia, ela ligou preocupada com a minha demora. Conte a história e ela de imediato compreendeu a situação, não levantou nenhuma dúvida e ainda me parabenizou pela atitude. Mesma situação aconteceu com a Eulália, a primeira mulher. Nós morávamos em São Paulo e eu vinha para Salto de Pirapora cuidar dos negócios. Numa dessas vezes, voltando para Sampa no ônibus da Cometa, sentou-se ao meu lado uma mulher vestida com muita simplicidade, cabelos compridos “de crente” e começou a chorar. Não intervi, deixei que extravasasse sua tristeza e depois que se recompôs me perguntou se eu não sabia de alguém, em São Paulo, que precisava de empregada. Contou que tinha brigado com o marido e abandonado a casa. Descobri que era de Salto, o pai dela tinha trabalhado para o meu pai e me lembrei de ter ido à casa dele e visto o filhinho dela que tinha uns 5 anos e tinha os pezinhos tortos e corria mancando. A mulher, na sua inocência e desconhecimento da cidade grande, acreditava que chegando na rodoviária iria perguntando às pessoas e conseguiria um emprego de doméstica. Ainda me disse que se não conseguisse iria para o Minhocão e conseguiria uma carona de volta para Salto, pois dinheiro também não tinha mais. Avaliei os perigos que a inocente mulher iria correr, liguei para a Eulália falando que iria levar a mulher para casa e ela entendeu perfeitamente a situação e concordou. A moça dormiu uma noite no nosso apartamento e no dia seguinte consegui um emprego para ela numa residência em Moema. Depois soube que ela ficou uma semana e sem aguentar de saudades dos filhos voltou para o recesso do lar. Soube em Salto que ela sofria de depressão e tinha tomado a atitude precipitada depois de um desentendimento com o marido. Fico imaginando essa coitada passando horas na rodoviária, à mercê dos malandros que vicejam naquela freguesia. Eu conto

essas histórias mais para mostrar a bondade e o coração das companheiras. Não é para me vangloriar não, posso garantir.

## **A minha história, do Degas aqui: Carlinhos da Malvina**

Vocês devem estranhar o uso quase abusivo da expressão: “O Degas” aqui. Mas ela foi usada até por Camões e é a maneira de alguém referir-se à própria pessoa por exemplo: O Degas aqui é quem manda. Foi gíria recorrente lá pela década de 60 e denota um certo ar de superioridade, de ser “o bom”, de ser “quem manda ou que tudo sabe” mas garanto que não é nesse sentido que a utilizo mas sim, pela lembrança das pessoas que a usavam, se vangloriando e fazendo elogios à própria pessoa. No popular: *uma metideza* mesmo. Vou contar as origens da minha família, da minha formação escolar, profissional, mas não da formação sexual, para não constranger os eventuais leitores. Kkkkk. Senta que lá vem história.

## **A saga dos Ourives**

Antes de começar os relatos das histórias quero informar que vou usar com muita frequência o português coloquial, ou seja como as pessoas realmente falavam no cotidiano, com erros de ortografia, concordância ou sintaxe para retratar fielmente a maneira genuína de falar das pessoas:

Este esclarecimento em português coloquial ficaria mais ou menos “anssim”:

“inhante de pincipiá a contá os causo já vô isclareceno que vô usá o portugueis caipira mêmô, ou mió dizem: como as pessoa prosiava, do jeito simpre, sem devorteio”.

Você conhece o “Carlinho do Pedro Orive”? Não? E o “Carlinho da Marvina”? Foi sempre assim que eu fui chamado ou identificado. Assim mesmo: Carlinho no singular e o Ourives trocado pelo “Orive” e Malvina por “Marvina” Qual a razão desses apelidos sempre relacionando meu nome aos dos meus pais? Era na verdade para distinguir de outros tantos Carlinhos como o Carlinhos do Elias, Carlinhos do Altino, Carlinhos Martelo, Carlinhos “Surdeca” e outros tantos. E qual a origem do “Orive”? A família dos meus pais se estabeleceu no bairro antigamente chamado de “Purungá” aqui em Salto de Pirapora, em razão da grande quantidade de árvores de purungos, também conhecidos como cabaças. Depois o local começou a ser citado como sítio dos Ourives em razão da enorme família que herdou a alcunha de Ourives. Tinha o meu pai, o Pedro Orive, e seus irmãos: o Severino Orive, o João Orive pai do Zequinha barbeiro que também era conhecido como Zequinha Orive, o Zé Orive além de duas irmãs: a Dasdores, chamada de “Dasdor” pelo meu pai, mãe do Zé do Santo do armazém onde hoje é a loja SP embalagens e antigamente a sacaria do Aristide Mandú, e a outra irmã a Inhana do Gênio Bello. E de onde veio essa alcunha que tanto se disseminou a ponto de dar nome a um bairro exatamente onde está hoje o condomínio Terras de São Francisco e de também denominar o córrego dos Ourives que por ali passa? Contavam os meus pais que um ancestral de quatro gerações anteriores à minha, ou seja bisavô do meu pai tinha a profissão de ourives. Contavam ainda que uma sobrinha do papai, a Ditinha do Severino Orive, que era filha do

João Orive ou seja casou-se com o seu legítimo tio tinha um pilãozinho de ferro com a mão de pilão também de ferro que servia para socar o ouro que passava pelas mãos do meu tataravô, não se sabe se por ele extraído ou comercializado.

A alcunha atravessou quatro gerações e se manteve até a minha que fui algumas vezes chamado de Carlinho Orive. Em uma das vezes tive inclusive meu nome anotado pelo filho do Gustão de Moraes, irmão do Izaías, do Strike e mais uma penca de irmãos da seguinte forma: “Carlinho Orrive”. Dei muita risada e perguntei se eu era tão horrível assim. O rapaz, que cuidava da criação de porcos do Zeca do Fuade, se atrapalhou todo mas na hora percebi a sua dificuldade para escrever.

Eu fui um dos poucos que foi chamado assim porquê vivi e convivi muito mais tempo com o pessoal de Salto de Pirapora. Já meus irmãos que foram morar em São Paulo para trabalhar e que ficavam muito pouco em Salto de Pirapora não eram chamados dessa maneira. Aliás a família era composta por sete irmãos.

## **A prole dos Ourives**

O primogênito era o Crizólito e minha mãe se inspirou numa pedra preciosa de um livro que lia na época e na felicidade com a chegada de um filho quis lhe dar o nome da tal pedra. A grafia era com “s” mas no cartório foi registrado com “z”. Coisas do tabelião local que deveria ser o Chico Pedroso ou seu filho Araldo marido da Dona Norma que herdou o cartório do marido posteriormente. O Crizólito saiu de Salto com 16 para 17 anos e foi trabalhar em Sorocaba, estudou contabilidade na Escola de Comércio de Sorocaba(depois OSE) e conseguiu ingressar no Banco do Brasil, em São Paulo e em São Roque, onde trabalhou até se aposentar. O outro irmão se chamava Delphino, grafado assim mesmo com “ph”. De novo o cartorário pseudo professor. Ele também entrou no Banco do Brasil só saindo de lá quando passou no concurso para fiscal de rendas do Estado. Depois a Maria que se formou na Escola Industrial de Sorocaba, hoje Rubens de Farias, que apesar do nome Industrial preparava moças *casadoiras* para o matrimônio. Ensinava-se até a bordar monogramas com um aro redondo, de taquara ou madeira, chamado bastidor, onde se esticava o fino pano de lenço de bolso por exemplo e se esculpiam lindas iniciais dos noivos, dos recém nascidos ou de quem se queria homenagear. A saga dos irmãos está relatada individualmente mais adiante. Depois o Luiz que ficou na lida com o pai: gado e carros de boi. Dizem que era um moço muito bonito e que se desiludiu com um namoro com a Carolina que acabou casando-se com o Neguitinho da Transportes Neguito, filho do Chiquinho Brechó (corruptela de Belchior). O Luiz, infelizmente, nunca mais teve a saúde perfeita não se sabe se por esse acontecido ou devido à uma queda do cavalo em que voltou para casa desacordado em cima do animal ou por outro fator hereditário mesmo. Depois o Salvador que também foi bancário primeiro naquele que se transformou no atual banco Itaú. Depois foi também para o Banco do Brasil, onde se aposentou. Depois o Horácio, grafado assim mesmo com H. Eita tabelião inventor. Depois conseguiu, com muita dificuldade burocrática, mudar para Orácio e também não sei porque mudar pois o seu xará da Grécia Antiga era grafado com “H” mesmo. Estudou na escola agrícola de Pinhal onde também estudou o Nei do Araldo, filho da Dona Norma, a do cartório de registro civil. Minha mãe dizia que mandou

o Orácio para lá para ver se “endireitava”. Acabou se tornando bancário também. No Banespa do Aeroporto de Congonhas em São Paulo.

## Seu Pedro Ourives

Batizado, ou melhor com o batistério lavrado Pedro Antunes de Souza ficou conhecido a vida toda pelo apelido de Pedro Orive e já contamos a origem da alcunha da família toda. O batistério para quem nunca ouviu falar era uma espécie de certidão de nascimento emitida pela paróquia onde a criança era batizada. Daí a origem do nome que também pode designar a pia batismal onde a criança foi ungida. Documento à época tão ou mais importante para as famílias cristãs como a certidão de nascimento. Por coincidência achei ontem o meu batistério lavrado na Igreja Matriz de Sorocaba. Quando montar o blog vou mostrar. O garoto de nome Pedro era muito *arteiro* e minha mãe Dona Malvina nos dizia para não colocar o nome de Pedro nos filhos porquê vinha de Pedro Malasartes e que então o rebento seria de fazer muitas artes. Meu pai nasceu e se criou no sítio e foi realmente de aprontar “poucas e boas”. Me contou que foi no chiqueiro de porcos da família e, invocado com os rabos dos porcos que insistiam em fazer uma espiral para cima, munuiu-se de uma faca e cortou os rabinhos dos bichinhos. Imagine a surra que deve ter tomado. Era muito comilão, muito guloso e as coisas eram realmente muito difíceis na época. Ele acompanhava o amadurecimento de um cacho de bananas e quando percebia que “estava de vez”, ou seja para iniciar o processo de amadurecimento ele apanhava o cacho, amarrava na ponta de uma corda, subia numa árvore, passava a corda pelo galho mais alto e amarrava a outra ponta aqui embaixo, escondida no meio dos ramos. Quando as bananas estavam maduras, ele soltava a corda, comia o quanto aguentava e depois içava o resto lá no alto, longe das vistas dos demais.

Depois de casado quando ia a Sorocaba onde o meu tio Raul, irmão da mamãe tinha um bar na Rua Visconde de Porto Seguro, perto do paredão do INSS gostava de promover uma brincadeira que adorava. O bar, na região do clube 28 de setembro ponto de encontro social das famílias negras, tinha muitos frequentadores da raça. Minha mãe me contou que ele comprava um barrilzinho de pinga, chamado de corote na época mas nada a ver com os corotes de agora e chamava os negros para tomar a cachaça e fazer a brincadeira do “corvo” campeiro. Um negro se deitava no meio da rua como se fosse a “carniça”. Outro negro saía do bar e ia verificar se estava no ponto. Batia asas à moda de um corvo ao fazer a peregrinação. Tudo isso regado a goles de cachaça, num ritual repetido e constante e aguardente “indo para o bucho”. Quando o corvo campeiro dava o sinal verde todos os negros, na espera e consumindo o barril de pinga, se dirigiam para a comilança, batendo as asas e meu pai se divertindo e rindo gostosamente do ritual dos negros, imitando os urubus.

Contava que no fim da revolução paulista as tropas voltavam dos campos de batalha, aos magotes. Um sitiante, zeloso pela hospitalidade, quando via a *sordadesca* na curva gritava *pá muié*: Cue café Crara que tá chegando os sordado, judiação. Pouco depois vinha outro grupo e a história se repetia: Cue café Crara. E outra turma: Cue mais café Crara. Quando se deu conta que eram muitos batalhões voltando e ao avistar mais um se aproximando gritou: Num cue mais café Crara: que vão tudo a puta que pariu.

Meu pai quando *imprensava* o dedo numa tábua da mangueira ou num palanque de cerca dizia que o sangue tava *pisuado*.

## **A história do início da família do Pedro Orive**

Meu pai sempre foi da lida do campo. Amansando bois de carro, transportou pedra e lenha para as pedreiras em carros de boi ou em carretas puxadas por bois. Contava que levou cal para Santos num carro de boi, durando a viagem “prá mais de meis”. Além do transporte ganhava dinheiro colocando bois “chucros” no carro de bois, amansando-os para a lida e depois vendendo os mais velhos, já *mansos de carro* por preços diferenciados. Adquiriu uma bela propriedade no centro de Salto onde depois foram montados os fornos de cal do Aníbal (Aníbal) de Góes. Como já contei tinha ali um pomar com uma grande variedade e quantidade de frutas. Depois vendeu essa propriedade e comprou outra melhor e mais no centro onde implantei os loteamentos “Recanto Cidade Nova” e depois o “Jardim Ilha das Flores”. O Pedro Orive nessas andanças de carro de boi levando pedra ou cal para Sorocaba fazia pernoite no bairro do Itanguá, hoje Avenida Luiz Mendes de Almeida, região do Ceasa Sorocaba, onde meu avô João Batista tinha uma pequena propriedade de uns 5 mil metros, com um pastinho e uma aguada boa. Ali acolhia os carreiros, que chegavam, soltavam os bois para pastar, beber água e pernoitar. Os carreiros estendiam suas esteiras feitas de taboa (aqueles pés verdes que davam paina, nos banhados), embaixo dos carros de boi para não “pegar sereno e não ficarem constipados”. Cobriam-se com suas capas poncho e ali dormiam. Antes disso minha avó Dornélia lhes servia uma jantinha que poderia ser uma canja de galinha ou uma sopa rala de macarrão com feijão e um “cheiro” de carne ou um arroz com feijão e ovo frito mesmo. No dia seguinte “encangavam” os bois e seguiam viagem levando cal, lenha ou pedra. Os carros de boi tinham rodas de madeira e emitiam um guincho estridente, bem característico. Acontece que esse barulho, uma espécie de nhéééééem prolongado, quase um lamento da madeira!!!!!! um “canto lamurioso” foi proibido por lei municipal, dentro da cidade de Sorocaba. Então eles carregavam sabão (com certeza de cinza ou de sebo, feitos caseiramente) e passavam nos eixos dos carros de boi para que estes não “cantassem” ao atravessar a cidade. Isto para não serem multados. O maior orgulho de um “carreiro” era o canto do seu carro de boi. Quanto melhor a madeira mais alto e estridente era o seu canto. Ainda guardo esse som na minha memória apesar de ter presenciado poucas e inesquecíveis vezes.

Nessas paragens no bairro do Itanguá, no sítiozinho do Vô João Batista e da Vó Dornélia, o Pedro Orive acabou se encantando com a moça Marvinina(Malvina). Casaram-se e vieram para Salto morar no bairro do Purungá depois bairro dos Ourives. Minha mãe, moça nova, respeitava e ao mesmo tempo temia o marido. Como naquele tempo as vendas eram longe e fora de mão tinha que se virar com a mistura do dia a dia. Meu pai tinha uma bela criação de galinhas e adorava comer carne de frango. Logo no início do casamento minha mãe falou: Pedro, o que faço de mistura? Ele mais que depressa respondeu: Mate um frango e ela o fez. No dia seguinte a mesma história e ele: Mate um frango e assim foi até que ela falou: Pedro, acabou frango. Ele então: Mate uma galinha e mais outra e outra. Pedro, acabou galinha. Ele

falou: Mate o galo. Depois minha mãe já grávida não suportava mais o cheiro de frango, de galinha, de galo. Depois do parto era costume servir às mães “de quarentena” uma canja de galinha, para restabelecer as forças. Minha avó preparou uma “bem gorda” e levou na cama para minha mãe: Marvina, tome essa canja “prá ficar forte e dar bastante leite” . Minha mãe deu um berro: Suma com essa canja da minha frente que eu não posso nem sentir o cheiro de galinha. Me dá até ânsia de “gômito” (vômito). Mais para a frente já com bebê de colo meu pai queria ir no baile. Ela estrilou: Pedro você não vai no baile sozinho. Ele replicou: Vou no baile sim. Como naquele tempo os homens não saíam de casa sem chapéu minha mãe pegou o chapéu dele, trancou no guarda roupa e escondeu a chave no seio. E ele: Marvina, me dá a chave e ela se negando a entregar. Ele foi no paiol nos fundos e voltou com um machado: Se você não der a chave eu arrebento a porta do guarda roupa “no machado”. Minha mãe teve que liberar a chave e o chapéu mas pegou o bebê de colo e foi junto no baile. Ficou a noite toda carregando a criança no colo e ele dançando bem feliz e garboso. Ela dizia que por isso eu sempre gostei de bailes e de dançar. Meu pai contava que aprendeu a dançar com um homem. O “*Paschoar*” marido da Mariquinha (mãe da Célia do Zé Martelo) foi quem ensinou meu pai a dançar. Naquele tempo ninguém se arriscava num salão de baile sem saber dançar bem. Valia até aprender com outro homem. Bons e inocentes tempos. Meu pai dizia que para dançar bem “tinha que pisar na música”. Levei tempo para entender mas ele queria dizer: acompanhar em cima do compasso da música.





## **Certidão de casamento de Malvina e Pedro - onde tudo começou**

Meu pai comprou um sítio “pás banda” da Fazendinha depois do sítio do Pedro Belo e depois do João da Nhá Cota. Ali criava garrotes e engordava para vender ou então para amansar como bois de carro. Teve um discussão muito engraçada com o vizinho João da Nhá Cota (pai do Balaio) por causa de uma divisa. Os dois discutiam na grotá ao lado do riozinho e o João da Nhá Cota, que era conhecido como “pamorde” porquê tudo que falava começava com o *pamorde* (com certeza resquício do português castiço “por modos quê”). E o Nhô João dizia: Pedro eu “uósque” (eu acho que) a divisa é aqui. Meu pai replicou bravo: Nhô João, uósque num si escreve, querendo dizer que o uósque não era uma certeza portanto não deveria ser dito. Fiquei sabendo também depois que meu pai tinha falecido que ele era mestre na arte de localizar um boi “alongado”. Quando um boi “enraivava” ele se afastava da manada e se embrenhava no meio do mato e podia morrer de fome ou de sede pois se recusava a se alimentar e tomar água. Dizem que meu pai era “um cachorro” para seguir “o rasto” do boi alongado. Entrava no mato examinando ramos quebrados, pisadas do boi até localizar o bicho que era trazido para a mangueira e tratado ali sozinho até voltar a fazer parte da manada. Portanto já existia boi com síndrome de pânico e *border line*. Kkkkk. Nhô João me deixou uma lição. No começo da minha vida eu queria levar o gado “na marra” para a mangueira “pá lambê sar” no cocho. Metíamos os cavalos em cima dos bichos, cercando e tocando para a mangueira mas eles debandavam e não entravam na mangueira. Nhô João me disse com toda a calma do mundo: “Carlinho, você num tem exprência de lidá cum gado. Eu vô imprestá duas vaca véia que vão madrinhá o seu gado i insiná os tar pá entrá na manguêra sem atropelo de cavalo i aquela baita buiarada de pião”. Dito e feito: aprendi a lição do Nhô João.

## **O Carlinho da Marvina**

Eu, o caçula, a raspa do tacho, o Carlinho da Marvina. Nasci na chácara onde depois se instalou o Cal São Pedro, do *Aníba de Góis* que construiu ali alguns fornos de cal de tijolos antigos, grandes e pesados, um verdadeiro patrimônio da cidade que foi dilapidado mediante a cegueira do poder público que não soube conservar tão lindos monumentos que marcaram a saga mineradora da cidade. Vagabundos que por ali moravam venderam os seus tijolos por uns poucos *milréis*: a cultura e a tradição de uma cidade formada por pedreiras e fornos de cal dilapidada por uma ninharia. Mas isso é uma outra história e não adianta chorar o leite derramado. Pois eu nasci nesse local numa chácara com tamanha abundância de frutas que minha mãe, a “Marvina do Pedro Orive” chegou a fazer vinho (um licor talvez) de mexericas de tanto que as colhia. Mas o Pedro Orive já tinha comprado uma nova propriedade onde estão hoje os loteamentos RECANTO CIDADE NOVA e JARDIM ILHA DAS FLORES, que vim a implantar nas décadas de 70 e 90. Mudamos posteriormente para a nova casa, na Rua Belarmino, que ainda hoje mantém as antigas linhas estruturais e onde descobri debaixo de várias camadas de tinta um resquício da pintura original da casa que destaquei em um pequeno quadrado que pretendo manter por quanto tempo puder. Lá está e se suscitar a curiosidade de alguém terei o maior prazer de mostrar. Quando a família se mudou para esse novo lar, na

antiga rua da *Páia* em frente ao hoje bar do Pupo e perto do sacolão São Sebastião, eu estava engatinhando e minha mãe me contava que virei uma lata de verniz inteirinha que estava sendo usada para impermeabilizar o assoalho. Se eu pudesse teria conservado esse assoalho até hoje: tábuas largas e compridas de madeira de lei. Assim praticamente nasci e cresci na “Belarmino”. Era praticamente um sítio dentro da cidade, com cerca de 10 alqueires, com um pomar fantástico formado pelo meu pai. Tinha uns 30 abacateiros, laranjeiras, pereiras, mangueiras, parreiras, pés de abacaxi e jabuticaba enfim um verdadeiro paraíso frutífero e muitos moleques “cataram” frutas do pomar do Pedro Orive, do que faço piada sempre que encontro um antigo morador da Belarmino. Peço para ler a mão e disparo: você roubou manga no “quintar” da Dona Marvinina. A maioria acaba concordando que sim. Ali meu pai tinha vacas de leite, cavalos e éguas para puxar a velha carroça, que lamento não ter conservado e mantido até hoje junto com os *arriames*: tapa, celote, tiradeiras, correntes, rabichos, cangas e canzis dos carros de boi etc. etc. Tudo isso foi roubado por um parente sem vergonha para vender também por alguns “mireis”.

Fui bom aluno no primário no Grupo Escolar Afonso Vergueiro, mais ou menos onde era a primeira Prefeitura de Salto, ao lado da farmácia N. Sra. Aparecida. Sempre fui o primeiro da classe. No meu tempo estudava o Seme do Zé Turco, o Jaiminho da farmácia, filho do Seu Jaime e da dona Bibi que fazia maravilhosos lanches na sua casa para que ensinássemos o Jaiminho a melhorar suas notas. Tinha ainda o Querubim do Zé Fredão que morava na casa onde está hoje o Serginho Martelo. Eu e o Querubim disputávamos o primeiro lugar da classe e numa das séries ele conseguiu empatar comigo. Média 9 para os dois. Fiz o ginásio na Ose e depois no Estadão em Sorocaba. Este colégio, estadual, era a melhor referência em escola em Sorocaba, quando o ensino público ainda tinha muita qualidade. O segundo melhor de Sorocaba era o Municipal, contíguo ao Estadão. Ou seja, ambos de ensino gratuito superavam os colégios particulares. Estudar em Sorocaba era uma luta. A estrada de terra intransitável nos dias de chuva. Cheguei a sair de casa de uniforme branco e voltar coberto de barro, à pé porquê a *jardinêra* tinha atolado no barro no subidão do Morro Branco.

Depois fui estudar em São Paulo no colégio estadual Fernão Dias Pais em Pinheiros, também um nicho de excelência em ensino. Mas, caí na gandaia e fui “jubilado”. Quando se repetia dois anos seguidos o aluno era obrigado a deixar o colégio e foi o que aconteceu comigo na terceira série. Matei muita aula e pulei muito muro no embalo dos amigos e por gostar da farra também. Moral da história: voltei para Salto de Pirapora onde só havia primário. Voltei depois para o velho Estadão em Sorocaba onde concluí o Curso Científico.

Trabalhei em São Roque no grupo Carambeí e comecei a fazer a Faculdade de Matemática. Ia relativamente bem quando a empresa me mandou para São Paulo para chefiar o Setor de Compras. Mudei para São Paulo e continuei o curso na Faculdade Tibiriçá no bairro dos Jardins: Alameda Lorena com Nove de Julho.

Novamente a empresa me transferiu de volta para São Roque e voltei para a Uniso em Sorocaba. Aí sim: bagunçou toda a carga horária e eu já estava desistindo da faculdade quando o dono da Carambeí Carlos Pereira Paschoal me convidou para ir para o Paraná trabalhar na parte comercial de suas fazendas em Céu Azul, região de Cascavel. Consegui lá, longe da família e da quase noiva formar um pequeno capital. Voltei de lá e me tornei boiadeiro e plantador de feijão. Fui o primeiro boiadeiro motorizado que tocava o gado no pasto *muntado* numa moto

Honda CG 125. Levava os peões para lida com seus cavalos e voltava para Salto, de moto, buscar carne, pão e cerveja para fazermos memoráveis churrascos na beira do rio. O Paulinho Mixirica entrava no mato, tirava dois ganchos, espetava a carne num galho fino e assava no fogo de troncos secos juntados por ali. Bons tempos, boas farras. Fui alvo de um sem número de brincadeiras. O Joel Haddad, o prefeito, encontrando comigo numa estrada perto do seu sítio no bairro Boa Vista, me vendo na *motinha* com um laço pendurado na garupa perguntou rindo se eu estava laçando boi e arrastando na *chíncha* na moto. Rimos muito. Numa outra ocasião precisava ver o gado num sítio distante uma légua (6 km.) de Salto e pedi para o Curiango, da turma das “lambreta” arriar a égua Chita e ir na frente. Dei um tempo e fui de moto. Chegando lá montei na Chita e o Curiango me falou que ela estava meio preguiçosa. Para usar esporas senão ela refugava. Coloquei as esporas, subi no animal, vistoriei o gado e *muntei na motinho* para voltar para Salto. Lá chegando fui abastecer no posto do Walter Benedetti. A molecada do posto inclusive o Beto Benedetti que deveria ter uns doze anos mais ou menos, me cercava para fazer brincadeiras. Então um deles perguntou: “Carlinho, se num cutucá a motinho na espora ela não anda?” Só aí me dei conta de que tinha descido da égua e montado na moto com esporas. No plantio de feijão se dizia: “menininho” de escritório se metendo a plantar feijão? vai quebrá a cara. Felizmente me dei muito bem nas duas atividades e pude rir gostosamente dos que duvidavam das minhas empreitadas malucas. Voltei a trabalhar em São Paulo, no mercado de incorporações imobiliárias, tive estacionamentos no Morumbi e em frente ao Objetivo da Luis Góes no bairro Vila Mariana. Acabei voltando a Salto para fazer o loteamento Jardim Ilha das Flores, na área remanescente do primeiro loteamento Recanto Cidade Nova. Na minha “lida de boiadeiro” colecionei histórias e tipos folclóricos:

### **Crizólito Antunes de Souza**

O Crizólito foi praticamente o primogênito do casal Pedro e Malvina. Isso porque os dois mais velhos faleceram cedo e nós os irmãos mais novos nem os conhecemos. Na verdade os irmãos que convivemos bastante além do Crizólito foram o Delphino, a Maria, o Luiz, o Salvador, o Orácio e eu ou seja 7 irmãos de um total de dez. O Adauto cheguei a conhecer mas estava internado e tinha problemas: era praticamente uma criança mesmo já bem adulto.

O Crizólito nascido em Salto de Pirapora em 1.924 fez os estudos básicos por aqui mesmo e quando garoto, uns dez anos, a Mamãe já o mandava levar frutas e quitandas que ela mandava para a nossa avó Dornélia em Sorocaba, no bairro do Itanguá. A mamãe contava que ele tinha que carregar uma enorme cesta de taquara e ir de carona na carroceria de um caminhão levar coisas para a avó pois eles eram muito pobres e tudo que chegasse era bem vindo. Minha mãe fazia biscoitos de polvilho, bolo de amendoim, rosquinhas doces, brevidades e enfim um monte de coisas gostosas assadas no forno de lenha e ela chamava essas guloseimas de quitandas. Com certeza mandava um frango ou um pedaço de porco abatido pelo meu pai. Conto isto para mostrar que a coragem da Mamãe em mandar um garoto em cima de um caminhão para Sorocaba já denotava a sua vontade de soltar os filhos no mundo. E este fato para o Crizólito já começou a abrir um novo mundo, além dos parques horizontes do sítio e da cidade pequena. Já rapaz o papai botou ele na lida do gado e dos carros de boi. Ia para os lenheiros

carregar lenha que seria enviada para os fornos de cal. Ou seja, o seu horizonte era virar carreiro de boi e ele começou a se revoltar com isso. Jogava e adorava futebol e segundo ele mesmo, jogava muito bem chegando até a ser levado com a equipe de Salto em Pilar do Sul e outras cidades da região. Contou que fazia lindos gols de cabeça apesar da baixa estatura e foi apelidado de mamão ou melão (já não me lembro) por ter a cabeça grande. Mas, na dura lida diária não conseguia treinar e fazer o que tanto gostava. O Pedro Orive era bom de prosa e o meu irmão fazia de tudo para terminar o serviço mais cedo, mas dependia do pai para encerrar a jornada e aí ele engatava um longo causo com alguém e o Crizólito desesperado para não perder o treino. Não raro quando desatrelava os bois das cangas já estava escuro e o treino perdido. Sem treino, não tinha lugar no time. Numa dessas ocasiões, chegou em casa revoltado, murmurando sozinho: isso não é vida e arrancou a botina do pé e arremessou sem olhar para onde. Minha mãe quase foi atingida e quis saber o motivo da “brabeza”. Ele desabafou que não aguentava mais aquela vida e a Mamãe, muito corajosa e determinada encarou o Papai: A partir de amanhã o *minino* não vai mais pro serviço com você. Vai estudar porquê não nasceu prá ser carreiro de boi nem um “caipirudo e chapéludo” igual a esse povo daqui. No dia seguinte ela falou com a mãe e arrumou lugar para o meu irmão ficar em Sorocaba e dar a importante guinada na sua vidinha desenxabida. De início foi trabalhar na Prefeitura de Sorocaba como braçal mesmo. Carregando um caminhão de terra, por ser novo e ter estatura baixa, os outros operários ao jogar a terra na pá jogavam também na cabeça dele. Conseguiu então ingressar na Estamparia pois Sorocaba tinha uma vocação têxtil. Era chamada de Manchester paulista, numa alusão à cidade inglesa de mesmo nome, importante polo têxtil. Na firma, foi trabalhar no almoxarifado onde eram descarregados fardos de tecidos e cujas metragens tinham que ser anotadas por um apontador. E ele carregando fardos na cabeça e somando mentalmente as metragens. Quando o total ia ser passado para o romaneio ele gritava: Dá tantos metros. Antes mesmo da conclusão da soma. Não raro os números não batiam e o apontador revia suas contas e admitia, sem graça, que tinha errado na soma. O fato de que o rapaz era muito inteligente chegou aos ouvidos de alguém da administração e ele foi promovido para o Escritório: já não era mais um braçal. Foi procurar uma escola para estudar à noite e acabou fazendo Contabilidade na Escola de Comércio, que se tornaria depois a OSE, Organização Sorocabana de Ensino, onde também estudei, de propriedade de Arthur Fonseca Filho, hoje nome de avenida na cidade. A partir daí começou a procurar concursos e acabou passando no do Banco do Brasil, em primeiro lugar da cidade de Sorocaba, e aí sim deu o grande salto para mudar radicalmente da vidinha monótona do interior para a efervescência da Capital São Paulo. Foi trabalhar no BB agência centro, na Avenida São João, 33 (minha memória é f..... fértil) quase no Vale do Anhangabaú. Nas ocasiões que estive com ele no Banco ele trabalhava na CACEX Carteira de Comércio Exterior. Todos os departamentos do banco tinham siglas de cinco letras: Cacex, Funci, Cassi, e assim por diante. Foi morar em pensões na Liberdade rua Conselheiro Furtado e Rua Sinimbu até conseguir comprar uma casa no distante bairro do Caxingui, inóspito e quase desabitado, uma lonjura. Essa casa fazia parte de um dos primeiros conjuntos habitacionais financiados por órgãos federais. Era o Instituto de Previdência do Estado de São Paulo e o bairro ganhou o nome de Previdência: tinha o Previdência de baixo e sua casa era na Rua Waldomiro Fleury talvez número 296 (será????). Esta rua era a primeira paralela à Avenida Francisco Morato, que acabou se

tornando o início da BR 116, estrada que liga São Paulo a Curitiba. O Previdência de cima fica depois do córrego Pirajussara e termina nas fraldas da Via Raposo Tavares, caminho para o Paraná passando por São Roque, Mairinque e Sorocaba e indo terminar na divisa do estado, na região de Ourinhos. As casas do bairro eram padronizadas mas ele, que não gostava muito de ser lugar comum, foi fazendo alterações: colocou grades e muros com pedras, fez uma boa garagem coberta e dois quartos nos fundos com um banheiro de serviço. Transformou literalmente a “casinha de pombo” numa excelente moradia, com todo luxo e conforto que a época e a sua situação financeira permitiam. Visionário, adquiriu um terreno no Jardim Guedala, praticamente o embrião do bairro do Morumbi, que se tornaria coqueluche a partir dos anos 60 pois abriga o Palácio do Governo, o Hospital Albert Einstein além de suntuosos prédios residenciais e comerciais. O Guedala se tornou um dos bairros mais chiques e exclusivos do complexo Morumbi, que por se tornar grife, acabou estendendo seu território até as fraldas de Taboão da Serra e Estrada de Itapevicira. No jargão comercial qualquer lançamento imobiliário em qualquer “vivoca” distante era anunciado como Morumbi. A aquisição se mostrou um grande negócio e a sua venda com certeza serviu para alavancar investimentos importantes de seus filhos. O Crizólito se casou com a Mariana Pagano, chamada na intimidade de Nina, de uma família da Vila Madalena, um bairro hoje considerado *cult* de São Paulo. Fixaram residência na casa do Previdência e ali vieram os filhos: Carlos Eduardo, Maria Cecília e Célio. Tempos depois ele se transferiu para São Roque, talvez visando uma cidade mais pacata para criar os filhos e fugir da loucura em que já estava se transformando a Pauliceia Desvairada. Morou inicialmente em um apartamento e logo construiu uma bela casa com dois pisos na rua Américo Margonari (número 95?????) bem no centro e perto do banco. O Carlos Eduardo foi estudar no Bernardino de Campos, que ele chamava de “berne ardido do campo”, um colégio estadual e ele sempre foi o primeiro da classe, ganhando todos os anos um cheque da Prefeitura como prêmio pelo seu bom desempenho. A Cecília e o Célio estudaram no Manley Lane. O Cá foi fazer cursinho em São Paulo. Talvez no Anglo, no bairro do Paraíso e entrou para a sonhada USP onde cursou e se graduou em Engenharia, não sei a especialidade. Tentou um emprego em Santa Catarina mas a distância frustrou os planos. Fez concurso para o Banco do Brasil, imitando os passos do pai, passou e assumiu mas não gostava da rotina burocrática do banco e acabou saindo. Prestou outro concurso para a Caixa Econômica, onde acabou se aposentando.

A Cecília, chamada de Cecilinha na família, deve ter se formado igualmente pela USP e o Célio na Mackenzie. Me confirmem por favor. O Célio trabalhou numa empresa chamada Microtec no bairro do Caxingui, então uma pioneira no ramo da informática e acabou vislumbrando um nicho de mercado totalmente novo e ainda embrionário. Abriu uma pequena empresa com o nome de Impacta que foi crescendo e se transformando em referência no mercado de TI (Tecnologia da Informática) focando o segmento de softwares, desenvolvendo treinamentos e hoje com uma Universidade de Informática atingiu a impressionante marca de 1,5 milhão de pessoas que se qualificaram por intermédio dos cursos ali ministrados. A Cecília depois de algumas experiências em empresas como o grupo Zogbi, passou a integrar o quadro societário da Impacta, com sede na Avenida Paulista, onde ocupa cinco andares inteiros. A Universidade fica no bairro da Barra Funda mas ele precisa me fornecer mais detalhes: número de alunos, tipos de cursos etc.

O resumo, ou seja a visão geral da vida do meu irmão mais velho se resume à uma história de muito sucesso profissional, financeiro e também comercial. Ainda nos tempos de solteiro montou um Cursinho Preparatório destinado a preparar alunos para ingressar no Banco do Brasil ou outras instituições que só admitiam concursados. Ministrava ali aulas de Matemática com grande competência pois a aptidão com números mostrada lá atrás na Estamparia, se ampliou mais ainda na resolução de intrincados problemas matemáticos que poderiam “cair” nas provas do temido Concurso do Banco do Brasil. Os outros professores que conheci, pois também trabalhei um pouco na recepção do que ele chamava de Cursinho foram o Delphino meu irmão e o José Brandi Ribeiro, o Brandi, figura folclórica de quem falaremos depois mas ambos muito inteligentes também. Eu não sei em que época o meu irmão se desfez do Cursinho mas deve ter sido quando resolveu mudar seu domicílio para São Roque. Na cidade começou a jogar tênis e foi um dos precursores do esporte na cidade. Ou seja, praticamente o tênis nasceu com ele na cidade. Começou a ministrar aulas e muitos dos jogadores da cidade com certa proeminência na região como Carlos Aurélio, o Paschoal e o Adriano deram suas primeiras “raquetadas” sob a batuta do meu irmão no São Roque Clube e depois no Raquete Clube, do Olavinho, já no bairro do Taboão, na Estrada do Vinho. Depois veio o empreendimento imobiliário em Salto de Pirapora, o loteamento Recanto Cidade Nova, cujo nome é de autoria dele. Num terreno da família, fizemos praticamente sozinhos e com muita oposição de alguns irmãos, a implantação do loteamento, que é hoje considerado o melhor bairro da cidade de Salto de Pirapora. Essa realização foi uma verdadeira “briga de foice” pois alguns dos irmãos contestavam a nossa liderança e de uma certa forma até desconfiavam dos nossos propósitos quando na verdade o que queríamos era viabilizar o empreendimento e como o terreno estava no nome dos sete irmãos tivemos que fazer verdadeiras peregrinações para colher assinaturas: São Bernardo atrás do Delphino, que sempre foi refratário ao empreendimento por entender que as suas idéias mirabolantes não eram acatadas. Alfenas em Minas Gerais para colher assinaturas da Maria e do marido Paulo, este numa postura pretensamente desinteressada mas nada receptiva. Mandava que a Maria assinasse os documentos sem ler pois de qualquer forma teriam que cumprir o que nós estávamos determinando. O Orácio, que por ter sido “apeado” da liderança, discordava e dificultava todas as nossas ações, que diga-se de passagem sem remuneração alguma por gastos de deslocamentos e até mesmo pequenas despesas como cópias autenticadas, taxas de cartório e etc. O Salvador foi o único que colaborou, até com entusiasmo, na nossa dura empreitada. O Orácio, formado agrimensor, iniciou o processo junto à Prefeitura de Salto de Pirapora e começou a trabalhar no projeto propriamente dito mas, apesar de afirmar que “varava” noites trabalhando, a coisa não andava. Passados dezoito meses mais ou menos tivemos que dar um “golpe branco”, para retirá-lo do comando e descobrimos que o projeto geométrico tinha falhas gritantes. Contratamos outro agrimensor que fez o serviço em pouco mais de 40 dias e uma empresa para fazer aprovação do loteamento: a Renê Regularizações, da Rua Margarida na Pompéia. O Renê era um conhecido do Salvador. Resumo da ópera: o que o Orácio não conseguiu em dois anos nós conseguimos em 90 dias. Aprovado o loteamento veio outro “parto de ouriço”: a divisão dos bens e novamente o Orácio impondo e exigindo até o ponto que eu disse à ele que ficasse com tudo sozinho que era o que parecia estar querendo. Para chegar a um consenso o Delphino teve que trocar o quinhão dele pelo do Orácio, o que foi péssimo negócio para ele Delphino, por razões que não vale aqui men-

cionar. Acertada a divisão que foi registrada em ata e tudo o mais na hora da outorga mútua das escrituras novamente o Orácio “empaca a mulinha teimosa”. Tivemos que dar à ele mais dois terrenos para que ele concordasse em ir ao Cartório dar sua anuência, sem a qual nada poderia ser feito pois todos estavam amarrados entre si como sete irmãos xifópagos. Depois da divisão e respectiva escritura os fatos tomaram rumos diversos, ocorreram dissensões mas o resumo final é que se não fosse o nosso empenho conjunto o empreendimento poderia até sair mas com um grande atraso e com grosseiros erros do projeto.

Acontece que a viabilização do projeto e a posterior venda desses imóveis principalmente a parte do Luiz era crucial para a sua subsistência. O Papai e a Mamãe precisavam de muito pouco para viver: graças a Deus tiveram boa saúde e nunca se fez necessária uma intervenção cirúrgica ou extrapolando uma internação numa UTI. Quanto ao Luiz, passou a se sentir mais confiante por não mais depender da caridade de alguns irmãos pois passou a ter o seu próprio dinheiro e com a administração dos seus proventos pudemos dar a ele condições mais dignas de sobrevivência, terminando seus dias na Clínica de Repouso Elo, em Atibaia onde foi carinhosamente cuidado por enfermeiras bondosas que lhe davam até a comida na boca.

A ida para São Paulo do Crizólito e o seu sucesso na sua empreitada foram cruciais para o rumo das vidas dos demais irmãos, que agora tinham na Capital um ponto de apoio. Um a um foram se transferindo para São Paulo e todos, exceto o Luiz, moraram por algum tempo na casa dele até estabelecer o rumo definitivo de suas vidas. Eu fui levado pelo meu irmão, por insistência dele pois a Mamãe não queria que eu deixasse os estudos em Sorocaba. Como ela foi visionária e tinha razão. Fui para São Paulo mas a empreitada não se mostrou uma boa escolha e tive que retornar e retomar os estudos por aqui, o que ocasionou um atraso de alguns anos na minha formação, que aliás acabei não concluindo por motivos profissionais. Fui trabalhar na região de Cascavel no Paraná e acabei abandonando a Faculdade de Matemática. Tanto a minha frustração na época por não ter entrado também para o Banco do Brasil quanto a interrupção da faculdade não me fizeram nenhuma falta. Na primeira hipótese seria um burocrático bancário e além do mais o Banco do Brasil foi muito bom na época do Crizólito e do Delphino. Antes de existir décimo terceiro salário eles recebiam 15 salários no ano: os doze mensais e mais três de gratificação. Prestei o concurso e obtive colocação número 180 num total de 6.000 candidatos mas fui reprovado no Psicotécnico, um teste a meu ver totalmente subjetivo, com critérios para lá de duvidosos. Ainda sobre o BB na época o Crizólito tinha a chance de fazer serviços extras para o próprio banco. Chegou a carregar malas com numerário (dinheiro em espécie) para levar em cidades distantes como Assis por exemplo e o Banco remunerava bem esse trabalho. Iam em dupla, de trem, viajando a noite inteira com malas “socadas” de dinheiro e um revólver no bolso. Acredito que tinham que se revezar para dormir, para não haver descuido. Imaginem essa situação hoje. Eu também por volta de 1.980 saía sozinho do Banco do Brasil em Cascavel com duas malas recheadas de dinheiro que era sacado na tesouraria para não dar na vista. Entrava no Opala vermelho, que tinha sido do Crizólito, e me mandava para a fazenda do Carlos Paschoal para fazer a remessa por pequenos aviões com destino a Assunção no Paraguai, para fazer câmbio em condições mais favoráveis. Um baita risco porquê além de assaltos a operação se constituía em saída ilegal de divisas. Tudo para ganhar uns míseros trocados na operação cambial. Mas como recebia ordens tinha que cumprir e a lei era “bom cabrito não berra”.



Como prometi vou falar do Brandi, professor do Cursinho do Crizólito. Era um sujeito sistemático e pragmático e falava e sonhava com fervor quase revolucionário. Tinha uma prole imensa para prover e vivia pedindo grana emprestada para o Crizólito. Sua mulher era a Terezinha, mulher de modos e silhueta finos. Uma *Lady* educada e atenciosa e o marido com seus cabelos desgrehados, óculos maiores que o rosto, sempre sonhando com projetos megalomaniacos. Sempre levou uma vida sonhadora mas não era objetivo nem prático como o Crizólito. Na verdade me ocorreu agora que foi ele que fundou o Cursinho e o meu irmão foi dar aulas como professor contratado dele, e como sempre tinha reservas guardadas na “burra”, começou a emprestar dinheiro para o Brandi, passando a financiar o seu negócio até adquirir o controle invertendo então os papéis: o Brandi que passou a ser professor remunerado por ele. Morava no Conjunto dos Bancários na Vila Mariana, já perto da Avenida Klabin e vivia com prestações atrasadas do imóvel, sempre numa situação financeira periclitante. Já o Crizólito economizava tostões e eu e o Carlos Eduardo o chamávamos de Tio Patinhas, e ele gostava. Me lembro que morando no Previdência, havia duas opções para comprar o leite diário, que vinha num litro branco de boca larga. Sonho até hoje encontrar esses vasilhames pois coleciono objetos antigos. A primeira opção no início da “subidona” da Francisco Morato e a segunda no topo da dita subida já quase no largo do Caxingui. Nesta o leite custava 3 centavos mais barato (não sei qual era a moeda, cruzeiros talvez) e claro que eu tinha que enfrentar a árdua subida para comprar o leite mais barato. Todos os dias. Ainda me lembro dos vizinhos do Jardim Previdência. Na esquina a Sizona Cecatto, na frente um senhorzinho de bigode que o Crizólito apelidou de “fiscal de rua” pois o dito cujo vivia bisbilhotando a rua o dia inteiro. Tinha uma filha linda, a Raquel, por quem o Delphino era apaixonado, mas sem a devida correspondência. Mais abaixo vinha o Tomithão, policial com cara de bravo mas mesmo assim namorei a Aimar filha dele e irmã do Hamilton que tem a Tomithão Veículos na Avenida Pirajussara, perto do Shopping Butantan. Ainda tinham os gêmeos se não me engano Ricardo e Roberto. Moravam quase em frente. No início da Waldomiro Fleury tinha uma capela onde frequentei muitas missas dominicais suspirando pelas meninas bonitas que nos ignoravam por completo. Atrás da igreja tinha um campinho de futebol onde “estourei” o menisco do joelho direito e nunca mais pude jogar futebol direito. O esporte perdeu um grande craque. Kkkkkk. Ao lado do campo tinha a chácara do Cristhie, famoso por dar tiros de sal na bunda dos moleques que pulavam seu muro para roubar frutas. Cheguei a sair do Previdência de bicicleta e fomos ao Embu das Artes buscar água com um garrafão toscamente preso na garupa por um elástico. Sem farol, apenas com a camisa aberta achando que isso era suficiente para os carros nos verem. Que loucura.

O Crizólito era chamado de Crizo pelo Carlos e de paizinho pela Cecília. Mas quando dava aulas de tênis gostava de ser chamado de Mister Criz, creio que numa alusão ao Mr. Frank, que junto com a esposa Dona Ruth plantou a semente do tênis em Sorocaba.

O meu irmão à exemplo do Pedro Orive era bom de garfo. Quando solteiro vinha passar o Natal em Salto de Pirapora. O Papai normalmente matava um porco e à pedido da mamãe um cabrito, sem contar com a leitoa assada no forno da padaria. O Crizólito queria comer viradinho dos miúdos do porco, torresmo, lombo frito ou assado e ainda saia com o papai à cata de alguma roça de milho verde para a mamãe fazer pamonha. Fazia uma mistura e não raro passava mal pois não continha a gula. Na verdade quando vinha de São Paulo queria

matar as saudades dessas comidas todas e numa ânsia desenfreada queria comer de tudo e ao mesmo tempo. Com relação a bebidas os amigos dele de São Roque falavam que ele era “ruim de mistura” pois queria tomar caipirinha, cerveja, uísque e o que mais viesse à frente. Mas sempre foi um bebedor social, aproveitando as ocasiões de jantares dos amigos de São Roque ou festas para tirar o atraso porquê no dia a dia em casa raramente bebia alguma coisa. Também não era frequentador contumaz de bares, ao contrário dos seus colegas de banco e do Zomo dentista, este sim um bebedor inveterado.

Fizemos várias viagens juntos, principalmente ao Paraná, quando eu trabalhava em Céu Azul e numa das vezes fomos até Assunção. Nessas viagens conversávamos muito e tínhamos uma boa sintonia para comer, beber e passear. Em Assunção ficou hospedado comigo no hotel Guarany, um dos melhores à época e como eu tinha tudo pago pela empresa, o incluí no pacote da hospedagem. Ele parecia um marajá se deliciando com as excelentes acomodações do hotel, “la noche paraguaja” e aproveitou muito as mordomias que pude lhe proporcionar, custeadas pela empresa. No dia da viagem de volta, por volta das 10:30hs da manhã ele com as malas arrumadas abriu uma cerveja na suíte e eu estranhei pois tínhamos tomado o “desayuno” há pouco tempo. Ele falou que ia tomar porquê senão ia perder, como se não soubesse que o consumo do frigobar entraria na conta depois. Outra história sua de hotel foi quando viajou para uma estação de águas e levou um creme de barbear do tipo Noxzema que a Cecília havia lhe dado de presente para a viagem. Ele nunca tinha usado e se aproximou do espelho do quarto e acionou o spray com toda força espalhando espuma de barba pelo quarto todo. Isso foi ele que me contou, rindo muito. Fizemos muitos churrascos em Salto quando íamos juntos resolver questões da aprovação do loteamento e ele adorava quando eu assava uns bifões de alcatra no sal grosso. Eu encomendava a carne com 3 dedos de espessura e fazia só no sal grosso, bem no estilo “boi berrando”. Ele se derramava em elogios e atacava freneticamente os bifões. Adorava disputar partidas de tênis apostando alguma coisa e se gabava de ter crédito de vinte e tantas garrafas de vinho, ganhas no tênis, com o Jorge, um parceiro constante que trabalhava em uma empresa de filtros dosadores em São Paulo.

Tinha muita amizade com o Zomo dentista mas esse era um cara sem muitos escrúpulos. Ele inclusive me contou que uma extração de um dente da Cecília poderia ser evitada mas o mercantilismo do amigo dentista o fez aceitar uma cirurgia, que se constatou depois, ser totalmente desnecessária. O Zomo quando com grau etílico elevado, fazia xixi no vaso de plantas da casa onde tinha sido convidado para beber e comer e outras baixarias do gênero.

Outras amizades eram o Renato de São Paulo, que comercializava jóias de ouro e tinha também o Eros, vegetariano empedernido e cuja amizade parece que já vinha de São Paulo. Coincidência ou não, seus amigos incluindo o famoso Brandi tinham belas mulheres.

Tinha uma turma boa de copo no tênis e ele convidou alguns para tomar uísque na sua casa e tinha um cara que a cada nova dose da bebida falava: “Tá um mel seu Crizo” e foi mamando o mel até ver o fim da garrafa. Nunca mais levou ninguém dos aproveitadores de São Roque para beber na sua casa. Ainda vou me lembrar o nome desse cara. Em São Roque tinha uma vizinha ciumenta e esperta que vinha todo dia pedir para usar o telefone dizendo que ia fazer uma ligaçãozinha ou duas mas, um dia ele espiou o rascunho com os números anotados e descobriu que eram interurbanos mesmo.

Quando morei em São Roque saíamos no final da tarde para comer alguma coisa fora e um dos

points era o gostoso “Bio’s Bar” ao lado da Matriz. Fazia bons lanches à exemplo do Bio’s lanche e também porções. Um dia pedimos uma porção de frango frito acompanhada de arroz e fomos comendo até que sobrou apenas uma única sobrecoxa de frango e começaram os salamaques: pega você Crizólito. Não pode pegar você e assim por diante. Numa certa altura ele se virou para mim e falou: Pode pegar a última porquê eu tenho uma coxa escondida aqui no meio do arroz e descobriu a coxa gorda, intacta, que ele tinha reservado antecipadamente para qualquer eventualidade. Íamos muito no Baú e no Cantinho, um barzinho escondido quase em frente ao Baú. Também íamos no festival de alcachofras em um restaurante perto do Stéfano e me lembro da “alcachofra à la inferno”, com as pontas das folhas cortadas e recheadas de carne moída mas o que ele mais alardeava e falava que iria me levar um dia era o bacalhau na brasa da festa do vinho. Segundo sua descrição, pois nunca tive o prazer de ir, era uma posta alta de bacalhau assada na brasa com alho e generosamente regada com azeite. No Stéfano, na altura do km. 58 da Raposo, a especialidade era o canelone, famoso até em São Paulo. O restaurante existe até hoje, no meio de um bosque e lá estive há uns três anos com a Patrícia: servem uma sequência de pratos que começa com uma salada verde que tem inclusive flores comestíveis, mudas trazidas pelo simpático Estéfano (já falecido) da Itália. Depois vem uns embutidos e na sequência canelone, frango assado atropelado, aberto ao meio e crocante, spaghetti, coelho assado e enfim um rodízio digno da cozinha da *mamma* que era comandada por sua esposa e agora pela filha Daniela, cujos filhos eram alunos de tênis do Crizólito.

### **Delphino Antunes de Souza**

Era o terceiro na ordem decrescente e seguiu os passos do irmão mais velho prestando concurso para o BB e indo também trabalhar na matriz da Avenida São João. Era do tipo sonhador e bastante desleixado em todos os sentidos principalmente na parte financeira. Distraído, tomava o bonde lotado e não raro tinha o relógio de pulso roubado e só percebia depois que já tinha descido. Não usava carteira e tinha dinheiro em todos os bolsos da calça e do paletó. Ia pagar a passagem e retirava uma nota graúda, pegava o troco e socava num bolso e se esquecia. Na próxima despesa tirava outra nota graúda e enfiava o troco em outro bolso. Quando se lembrava que tinha trocados em um bolso, enfiava a mão sem olhar e não rara derrubava notas pelo chão. A mamãe quando ficou um tempo na casa dele no Jardim Monte Alegre, depois do Taboão da Serra separou duas latas de leite Ninho das grandes e numa recolhia todos os trocados que achava perdidos em bolsos de roupas postas para lavar ou mesmo caídos pelo chão e quando o Delphino dizia que estava sem dinheiro ela ia buscar na tal lata e contava que o dinheiro era dele mesmo, perdido pela casa. Na outra lata foi juntando bitucas e mesmo cigarros quase inteiros que ele largava pela casa. Não raro acendia um, esquecia e logo depois acendia outro. A ideia dela era mostrar o quanto ele fumava, exibindo a lata cheia depois de alguns dias. Mas de nada adiantou o seu esforço disciplinador. Ele continuava o mesmo. Eu digo que era do tipo sonhador por conta de certas histórias e uma delas foi o Crizólito que me contou. Ele trabalhava no setor de ordens de pagamento, a ORPAG, sigla do banco sempre com cinco letras. Acontece que muitas dessas ordens não eram reclamadas pelos destinatários por motivos diversos e ele, com um coração de ouro, anotava os endereços dos favorecidos e ia

nos fins de semana, às suas expensas, a longínquos bairros procurar as pessoas pois entendia que elas estariam precisando daquele dinheiro e talvez nem tivessem conhecimento do crédito. Era muito inteligente mas sistemático: quando me deu aulas de Latim, me fez começar pelo prefácio do livro, e eu impaciente queria ir logo para as matérias propriamente ditas. Minha mãe falava que ele era muito afobado e realmente o era. Quando meu pai se decidiu por fazer o primeiro loteamento ele já foi para o quintal, pegou uma escada e começou a destelhar uma privada que ainda estava em uso. Nem o projeto havia sido feito e ele já saiu removendo obstáculos para o futuro empreendimento. Falava que o loteamento tinha que ter uma avenida de 30 metros como via principal, pois um dia a cidade iria crescer e essa seria a mais importante via da cidade. Mesmo hoje, mais de cinquenta anos depois, os loteamentos que fizemos não comportam uma avenida desse porte. No outro extremo o Orácio com planos de fazer uma avenida passando bem no local da residência. Pergunto onde a família iria morar se ele levasse a empreitada a cabo. Finalmente se decidiu fazer uma rua de entrada desviando da casa e até da jaqueira que existia no quintal. Isso resultou numa rua em curva e pelo meu aprendizado posterior as ruas devem ser retas para otimizar o percentual de aproveitamento da área e devem ser na largura mínima exigida pelas leis municipais, pois exceder essa largura significa diminuir áreas dos lotes, ou seja menos lotes menos faturamento. Estes fatos explicam porquê era refratário às ideias minhas e às do Crizólito. O Delphino não tinha tino comercial e quando quis adquirir um imóvel, as escolhas que fez e pediu a opinião do Crizólito este as reprovou todas e o aconselhou a continuar procurando. O Delphino, em seus desvarios, achava que o irmão tinha ciúmes dele e colocava defeitos para que ele nunca comprasse um imóvel. Foi então que comprou a tal casa no Jardim Monte Alegre, uns 3 km. depois do centro do Taboão. Um local mal servido por ônibus e sem iluminação pública na via de acesso ao bairro. Quantas vezes, quando morei com ele, descemos no largo do Taboão e caminhamos por quase uma hora, em plena escuridão para chegar em casa porquê havia poucos horários de ônibus. Ele se meteu na política em Taboão da Serra e fazendo uma campanha por uma tarifa única dos ônibus conseguiu se eleger. Os ônibus para o bairro eram intermunicipais e portanto mais caros. Assumiu a vaga bem no calor da Revolução de 1.964 quando Adhemar de Barros, demagogicamente, organizava as Marchas com Deus pela Liberdade, fustigando o governo Jango Goulart que já claudicava e foi derrubado em 31 de março daquele ano. Já com os militares no poder o Delphino fez virulentos discursos na Câmara contra a prefeita Laurita Ortega, que se alinhava com o governo do Estado (Laudo Natel?) e, portanto da direita na época. Jango Goulart era esquerdista e parecia querer implantar o comunismo no país, o que motivou a revolução e o seu respectivo exílio. Ou seja, fazer um discurso público defendendo essa ala perdedora e perdida nos objetivos era de alto risco na época. Teve sorte que ninguém deu bola para os seus discursos e nunca foi ameaçado por isso. Porquê começava no país a época dos anos de chumbo, com gente “desaparecida” como Rubens Paiva e caçados como Marighela, morto dentro de seu fusca, completamente cercado pela polícia e desarmado. Prestou concurso para Fiscal de Rendas do Estado e foi aprovado, assumindo em São Bernardo do Campo e lá adquirindo uma casa, na Rua Américo Margonari. Por ser muito honesto nunca aceitou participar das panelas e conchavos com fins obscuros. Esse fato, provavelmente o tornou um “estorvo” para o “modus operandi” dos servidores e acabou sendo transferido para São Paulo, no bairro do Ipiranga. Ou seja, quando estabeleceu domicílio na mesma cidade em que

trabalhava foi transferido. Adquiriu uma casa na Travessa Humberto Primo no Paraíso, perto da Rodrigues Alves e do metrô Ana Rosa e depois de fincar raízes com a família, foi novamente transferido. Para onde? De volta para São Bernardo. Ele nunca citou essas perseguições e isso foi conclusão minha mas, era muito estranho ser sempre jogado para longe do local de moradia. Ganhava muito bem pois os fiscais eram remunerados pela produção, ou seja pelas multas aplicadas mas, totalmente desorganizado em suas finanças vivia sempre em apuros. Recebia no início do mês e como sabia que o dinheiro iria faltar antes do próximo pagamento, reservava uma quantia e pedia para o Salvador guardar para ele e devolver na hora do aperto, da dor de barriga financeira. Ganhou três carros zero quilômetro num sorteio de uma grande loja de departamentos, mas os vendeu rapidamente e nunca teve um carro novo e em bom estado.

Outra característica sua era escrever longas cartas aos irmãos com críticas ou acusações estapafúrdias ou lições de vida e de moral. Eu odiava quando as recebia e tinham uma particularidade marcante: a sua máquina de escrever tinha uma falha na tecla “tê” e as palavras com essa letra ficavam mancadas: tinha que adivinhar o sentido delas. Hilário demais.

Chegou a dar conselhos para o papai dizendo: Cuidado, o dinheiro escorre pelos vãos dos dedos. Que ironia: o papai sempre econômico, adquirindo boas propriedades, gado e até casas de aluguel que construiu na Rua Belarmino com tijolos feitos no seu próprio olaria, que ficava na atual área verde do loteamento Jardim Ilha das Flores, que incorporei. Justo ele que esbanjava, perdia e aplicava mal o seu dinheiro queria dar conselhos ao pai. No fundo, era um medo infundado com relação a mim pois nessa época eu já começava a administrar os bens da família, ajudando o papai que já não podia mais montar a cavalo e começava a passar o bastão para mim. Cheguei a ter procuração com plenos poderes para vender as propriedades mas nunca usei e não usaria sem o consentimento dos pais.

Numa certa altura da vida, meu pai muito previdente resolveu passar as propriedades para os filhos, para evitar despesas de inventário. Até nisso tinha uma excelente visão, apesar de nem ao menos assinar o nome. Me incumbiu dessa tarefa e me lembro até hoje quando fomos ao Cartório em Sorocaba e o Oficial Maior dizendo à ele: seu Pedro, não faça isso. Na minha vida de cartório vi muitas famílias que foram morar na rua, despejadas por filhos e cônjuges interesseiros, depois de se apossarem das propriedades. Contou uma história que muito me marcou e impressionou. Um casal resolveu dividir a propriedade em vida destinando um quinto a cada um deles e para o filho solteiro que morava com eles deixou a parte da casa em que moravam porquê achavam que ali continuariam. Acontece que o filho se casou, trouxe a mulher para a casa dos pais e ela começou a implicar: Não aguento mais esses velhos na nossa casa e eles foram simplesmente para o “olho da rua”. História real, porém muito parecida com a triste moda de viola “Couro de Boi” gravada também por Sérgio Reis. Na música um filho ingrato manda o pai embora e lhe dá um couro de boi para dormir quando saísse vagando pelo mundo. O netinho ouve a história e pede metade do couro para o avô e justifica dizendo que ele vai crescer, vai se casar, o pai dele vai ficar velho e ele terá a metade do couro para quando mandar o seu pai embora de casa. Triste mas, metafórica pela observação de uma criança, já pensando em seguir o exemplo do pai e aplicar-lhe o mesmo castigo. Meu pai ouviu a história do cartório e argumentou que com os seus filhos nunca aconteceria isso. Felizmente não aconteceu por conta de uns poucos que seguraram a barra quando os queridos velhos ficaram

sem renda, pois já não dispunham das propriedades para gerar dividendos para sua subsistência.

Muito bem: o Delphino já aposentado e com uma renda na época na casa dos 15 a 20 mil dólares, isto mais ou menos no ano 2.000 caiu doente e eu tive que assumir a administração da sua vida trazendo-o para Salto para mudar um pouco de ares. Além da saúde extremamente debilitada com suspeita de um carcinoma na carina do pulmão, estava em uma crise familiar e financeira bem complicada. Acompanhei todos os exames, consultas médicas e milagrosamente os resultados dos exames da carina que tinham indicado a moléstia, indicaram que não havia o temido câncer. Mesmo com rendimentos tão significantes estava com a situação financeira literalmente em frangalhos. Ele se deu bem aqui, fez amizades, frequentava o clube e consegui inclusive fazer com que ele parasse de fumar. Mas, eu tive que me submeter a uma cirurgia de hérnia inguinal e os familiares o levaram de volta para São Paulo. Interessante que durante esse interregno de tempo, administrando suas finanças ele se surpreendeu quando constatou que pela primeira vez na vida sobrara um saldo do pagamento do mês anterior.

Sonhador, escrevia libelos sobre a vida, política e outros assuntos e distribuía seus manuscritos na saída do metrô. Nunca cheguei a ler um deles e portanto não sei exatamente do que falava ou pregava. Era carinhosamente chamado pelo Carlos Eduardo e pela Cecília de Tio Mino.

### **Maria Antunes Alves**

“Dona Maria, a Sra. Pode me trazer um copo de água por favor!”. Era assim que o Paulo Alves, farmacêutico estabelecido em Alfenas-MG se dirigia à minha irmã. Isso por volta das onze da noite tendo acabado de fechar a farmácia e encerrado uma jornada de 12 ou 14 horas talvez. Subia as escadas da residência com certa dificuldade devido ao cansaço de ficar em pé o dia todo em jornadas intermináveis. Após vencer os intermináveis 15 ou 20 degraus “se jogava” no sofá mas nunca deitado, sempre sentado. Maria corria para a cozinha para trazer a água com o copo num pratinho com um guardanapo de pano. Esta era a rotina, o cotidiano. Vieram de São Paulo, com os filhos ainda pequenos para se estabelecer em Alfenas para que a Maria pudesse cursar a faculdade de Farmácia. Vieram não, ela veio sozinha para Alfenas para fazer o cursinho para o ingresso na tão sonhada faculdade de Farmácia. As crianças numa faixa etária de 3 a 6 anos ficaram em São Paulo com o pai, que tinha uma farmácia no bairro do Horto Florestal na Avenida Maria Amália Lopes Azevedo, a mesma onde um restaurante tradicional de São Paulo servia um pato à califórnia maravilhoso: pato assado com compotas de frutas doces (figo, pêssego etc.). Ali o Paulo se estabeleceu após ter adquirido uma farmácia na Av. Júlio Buono no bairro da Vila São Camilo, zona norte da capital paulista. Após uma longa carreira como propagandista do laboratório Lederle/Cyanamid Química, conseguiu montar seu próprio negócio transferindo-se depois para a Av. Maria Amália já dono do seu negócio. Ali criaram os filhos Pedro Américo, Jandira e Ocirema até a mudança para Alfenas. Recordando: primeiro foi a Maria sozinha morando em um quarto alugado para poder se preparar para o vestibular. O Paulo se deslocava para Alfenas nos fins de semana, levando os pequenos para que mãe e filhotes matassem as saudades. Superada a etapa do vestibular e já tendo ingressado na Faculdade de Farmácia, o Paulo resolve encerrar

suas atividades em São Paulo, comprando no centro de Alfenas, um casarão centenário que servia perfeitamente aos propósitos comerciais e residenciais. A casa tinha até um pé de fruta do conde ou arithicum, que hoje não se encontra mais, pois a fruta evoluiu para a atemoia. Criavam galinhas no quintal e quando resolviam consumir tinha que montar uma operação especial para que a Ocirema não soubesse do sacrifício dos galináceos: galinhas que tinha visto na eclosão dos ovos galados e acompanhado o crescimento dando milho todos os dias. Como ver os bichinhos criados com nome e tudo sacrificados assim sem cerimônia. Ali na Farmácia Santa Rita, santa de devoção do casal estabeleceu uma freguesia constante e numerosa. O Paulo era um farmacêutico conhecido e muito respeitado. A Maria cursava a Faculdade para um dia tornar-se responsável pelo estabelecimento dando o suporte ora na gerência da casa, ora substituindo o marido na hora do seu almoço e sua sesta. Ali criaram os filhos, deram-lhes a formação básica para que ingressassem em Faculdades de Odontologia em outras cidades. Curiosidade desta fase foi o Paulo colocar o primogênito Pedro Américo para trabalhar na farmácia em horários fixos e rígidos e impor que o filho o chamasse de Paulo e não de pai. Outra curiosidade foi quando colocou uma placa na balança cobrando 1 (hum) cruzeiro para se pesar se não fosse cliente ou consumidor. Isto porquê as crianças saíam da escola e em fila vinham para se pesar na Santa Rita. Com a placa de cobrança acabou-se a farra da pesagem. Ali se estabeleceram definitivamente, mandaram os filhos para a faculdade e foram adquirindo imóveis na cidade constituindo um bom patrimônio familiar. O Pedro Américo, fusão dos nomes dos avôs, casou-se com a Beatriz, odontóloga também de família de São João Del Rey e acabaram se estabelecendo em São Paulo na Rua Augusta, num apartamento que tinha sido comprado do Salvador. A Jandira se casou com o Donizetti de Monte Belo-MG: ela dentista e ele farmacêutico. A Ocirema se casou com o Ivan, ambos também dentistas. Formou-se então uma família bem peculiar de farmacêuticos (3) e dentistas (5).

Vieram os netos: Pedro Paulo (novamente homenagem aos avôs) e o Gabriel do Pedro Américo. Eloá e ..... da Jandira e Jander e Breno da Ocirema.

### **Salvador Antunes de Souza, o Dodô**

O Salvador, chamado na intimidade de Dodô é o terceiro filho na escala ascendente e na infância gostava de colecionar passarinhos em gaiolas. Numa das vindas a Salto o Crizólito começou a negociar com ele um pagamento para soltar as aves. Foi subindo a oferta até que ele cedeu e com lágrimas nos olhos foi abrindo as portinhas das gaiolas e soltando os bichinhos que à muito custo saíram da gaiola, ressabiados e desconfiados e enfim criando coragem e alçando voo para a liberdade. A ganância derrotou a paixão pelos bichinhos engaiolados. Felizmente. Outra história do seu interesse monetário precoce: O Orácio tinha como padrinho o Seu Manoel Português, um rico fazendeiro, dono de gado e terras onde está hoje o bairro São Manoel, aqui em Salto. Os padrinhos vinham, invariavelmente à missa dominical e nessa ocasião o Orácio ia pedir a tradicional: “A bença padrinho” e ele pingava um trocado que dava para comprar uns doces. Numa dessas ocasiões o Orácio estava envergonhado e disse ao Salvador que não iria lá pedir a benção e o Salvador insistindo e o Orácio se recusando. O Salvador

resolveu e foi lá ele mesmo, na frente do Papai e da Mamãe e disparou: “A bença padrinho”. Foi só risada porquê ele não era o afilhado mas faturou a graninha assim mesmo. Na maior cara de pau.

O Salvador, na esteira do Crizólito, Delphino e Maria foi para São Paulo tendo trabalhado num banco que se tornou depois o Itaú, no tradicional, majestoso e emblemático Edifício Martinelli na Avenida São João. Digo emblemático porquê representou um marco na Pauliceia: mármore rosas trazidos da Itália, jardins na cobertura e outras *mudernagens* como diria Elomar. Fez concurso para o Banespa, Banco do Estado de São Paulo, que ao lado do BB, era um dos empregos mais cobiçados na época. Assumiu como Escriturário na agência Centro, Praça Eduardo Prado, quase em frente ao BB. Seguiu trabalhando e fazendo concursos para o BB até que conseguiu ser aprovado como auxiliar de escriturário e foi designado para trabalhar em Cornélio Procópio. O Crizólito que como aposentado pelo BB achava este muito melhor que o Banespa convenceu o Salvador a deixar o cargo de escriturário e assumir um inferior na pequena cidade do Paraná, como auxiliar de escriturário. Estive lá lhe fazendo uma visita e constatei que levava uma vida social bem agitada e parecia que não tinha sentido tanto a mudança. Ledo engano: tempos depois as notícias começaram a rarear e o Crizólito, desconfiado de alguma coisa foi até lá e acabou trazendo ele de volta. Estava numa depressão profunda e teve que passar por diversas internações em hospitais de saúde mental. Recuperou-se parcialmente e reassumiu no Banco, desta vez em Sorocaba mas acabou voltando a São Paulo na agência centro. Nunca mais foi o mesmo: antes do percalço era um cara muito ativo social e comercialmente. Nos horários de folga ia ao Bom Retiro e comprava capas e guarda chuvas que revendia aos funcionários do banco. Tinha intensa vida social, adquiriu uma quitinete na rua Frei Caneca mas, a voluptuosidade da Bolsa, que não é para principiantes, levou o imóvel e algumas reservas. Conseguiu lentamente se recuperar e comprou um apartamento de um dormitório na Avenida São Luiz e tempos depois permutou comigo sua parte no terreno do atual Jardim Ilha das Flores por um apartamento de 2 dormitórios na rua Guilherme Bannitz perto do hospital São Luiz, início da Avenida Santo Amaro. Tinha adquirido também uma boa casa no Jardim Simus em Sorocaba, para onde levou nossos pais para morar.

O Salvador, foi o irmão que mais me ajudou a cuidar bem dos progenitores. Eu cuidava de tudo durante a semana e nos finais de semana ia para São Paulo, pois já namorava firme com a futura esposa: a Eulália. O Salvador fazia o caminho inverso e vinha para Salto, me deixando assim tranquilo para me ausentar até a segunda feira quando os percursos se invertiam novamente: ele para Sampa e eu de volta para Salto. Além disso, nas fases mais turbulentas levava a Mamãe para ficar com ele em São Paulo.

Estava bem financeiramente, com uma boa aposentadoria do banco e três imóveis mas, desgraçadamente se envolveu com uma moça de péssima conduta e caráter que começou o caminho da sua derrocada financeira. Literalmente *fiz o diabo* para arrancá-lo das garras da interesseira que fazia viagens cíclicas à Espanha dizendo a ele que lá trabalhava como dançarina. Numa dessas vindas a Wanda veio com dez mil dólares e queria fazer a cirurgia dos seios mas, boba e esnobe ao mesmo tempo, fazia questão absoluta de fazer com o Pitanguy no Rio de Janeiro. Como gastou parte do dinheiro o Salvador teve que custear o que faltava, chegando a vender o telefone fixo que na época tinha grande valor comercial: cerca de cinco mil dólares. Numa aventura louca, sem medir os riscos foram para o Rio, de ônibus e ele com os dez mil dólares



nas meias. Não creio que o afamado cirurgião exigiria a quantia em verdinhas. Deveria haver uma forma de transferir a importância mesmo que com intermediação de doleiros para evitar viagem tão arriscada. Quando consegui sua libertação já tinha ido a casa de Sorocaba e teve que entregar o carro à fulana, pois o veículo já estava no nome dela. Nesse momento fizemos a troca dos seus cinquenta por cento do terreno em Salto pelo apartamento e ele foi morar na Vila Olímpia e estava feliz por ali, fazendo caminhadas no Parque Ibirapuera, bem próximo dali e saindo praticamente todas as noites comigo para barzinhos, lugares para dançar numa vigília, da minha parte, digna de um cão de guarda. Tudo para que ele não voltasse às garas da safada, pois a tentação era grande, mesmo me contando que nos últimos tempos nem dormissem juntos: ela carregou uma amiga para o apartamento dele e dormia com ela num colchão de casal no chão na sala. Numa ida dela novamente à Espanha, consegui retirá-lo à fórceps da maligna companhia e, felizmente nunca mais teve contato, depois que entregamos o carro numa operação que nem vale a pena lembrar.

Levou a Mamãe para morar com ele e, para auxiliar nessa tarefa, contratou a Flávia como empregada e como realmente não sabia lidar com mulheres esta também foi tomando conta da vida financeira e pessoal dele. Teve dois filhos na casa dele, de um namorado maconheiro que chegou a ameaçar jogar o Salvador pela janela do quarto andar. Ele adotou os filhos dela como se fossem seus netos e aí começou outra sangria financeira: escola particular, roupas e comida além de dentista e mais tarde celulares caros e outros luxos que acabaram por drenar seus últimos imóveis, tendo que ir morar de aluguel. A moça faleceu com idade de 35 anos mais ou menos e ele está hoje numa situação pela qual nunca tinha passado na vida: fazendo empréstimos consignados e a renda líquida minguando cada vez mais. Cheguei a lhe oferecer para morar aqui em Salto, em uma das minhas pousadas mas ele não consegue se desligar dos passarinhos que o “chupim” botou no seu ninho para ele criar. Dizem que esse esperto pássaro terceiriza a tarefa de chocar e cuidar das crias. Hoje, na casa dos oitenta anos, tem a saúde debilitada e uma situação financeira em espiral descendente, difícil de estancar. Ajudei algumas vezes mas, por conta disso, fui obrigado a contragosto, a me afastar. Não posso financiar luxos que nem eu nem minha esposa desfrutamos: para os “netos” agora moços, celulares na casa dos quatro mil reais, cabelos platinados da mocinha insolente e mal educada, cuja manutenção tem custo na casa de quinhentos reais por mês. Some-se a isso aluguel, condomínio e contas de consumo além das parcelas dos consignados e chega-se à um desastroso desequilíbrio financeiro. Resumo da ópera “bufa”: uma pessoa inteligente, trabalhadora e que soube fazer bons investimentos pois chegou a ter cerca de dez mil dólares guardados no cofrinho alugado do BB além de uma carteira de ações no mesmo montante. Três bons imóveis adquiridos, ou seja sabia poupar e sabia investir bem mas a sua falta de tato no trato com as criaturas do sexo oposto o levaram a essa situação praticamente insolúvel.

### **Orácio Antunes de Souza, o China**

O Orácio, originalmente grafado com H: Horácio, por “pseudo” conhecimento da escrita do cartório Araldo é o penúltimo, antes do caçulinha aqui e foi problema desde pequeno. No grupo escolar, a professora pegava um pente e tentava assentar seu cabelo para frente sem sucesso.

Ela não sabia que ele puxava o cabelo todos os dias para frente, molhando ou colocando *Gumex* para formar um topete vistoso. Ele, sempre na moita, ria-se por dentro do esforço inútil da mestra. Briguento e topetudo também no sentido de valentia, apesar da pouca estatura e musculatura encarou muitos moleques maiores que ele. Apelidado de *China* por ter olhos puxados era até bem valentinho, inversamente proporcional ao seu tamanho. Numa dessas, a molecada mexeu com um rapaz de Salto que tinha o apelido de *Briosa* e odiava ser chamado assim. Ele tinha olhos enormes, arregalados como os de uma égua, e no geral se costumava chamar o animal de *briosa*, uma forma carinhosa de se referir, não necessariamente a um específico animal, mas de um modo geral a todas. Muito bem: a molecada provocou o *Tinho Briosa* e saiu correndo mas o China não quis correr e encarou o outro. Se empacotaram no chão e não é que o baixinho montou no cavalo e levou as mãos na sua *guela* imobilizando-o no chão? Mas, aí ficou pensando que a hora que ele soltasse o outro, maior e mais forte do que ele, iria apanhar e decidiu soltar e sair correndo. O Tinho pegou um pedra e mandou certeira na cabeça do China. Chegou em casa ensanguentado e não queria contar do acontecido. Ainda tomou uma *sova* da enérgica Dona Malvina, nossa querida Mamãe.

Diante do seu temperamento rebelde minha mãe resolveu mandá-lo para um internato e escolheu a Escola Agrícola de Pinhal, perto de Minas e o encaminhou para lá. Lá ganhou o apelido de *Gatão* por causa da cabeleira. Minha mãe achava que essa internação iria *torná-lo um homem* e até que funcionou. Lá teve como colega o Ney, filho da dona Norma Castellani de Brito, dona do cartório de Salto que continuou a mania do marido de grafar *nomes estrangeiros* de forma curiosa. Numa ocasião registrou o nome da menina assim: Deborak. Quando vi a certidão para fins de pagamento de salário família na Matarazzo perguntei ao Agenor, pai da menina o porquê daquele nome estranho e ele falou que o nome era Débora mas a Dona Norma falou que nome estrangeiro tinha que ter uma letra muda no final. Poderia ter acrescentado um H mas colocou um K. Imagine a coitadinha respondendo chamada na escola: Deborak. Não professora: é Débora. E teve que aguentar isso pelo resto da vida a não ser que enfrentou um processo judicial como o Orácio para retirar o inútil H do seu nome.

Apesar de se formar como técnico agrícola nunca exerceu a profissão e muito menos aplicou seu aprendizado nas propriedades da família. Foi para São Paulo e aprovado no concurso do Banespa foi trabalhar na agência do Aeroporto. Era *cú de ferro* tanto para trabalhar como para estudar e varando noite adentro e ganhando horas extras conseguiu comprar seu apartamento na Rua Avandava, perto da Avenida Nove de Julho em São Paulo. Mas, por um infortúnio foi mandado embora do banco e amargou dificuldades para retomar o prumo. No Banespa trabalhava no setor de conferência de assinaturas de cheques juntamente com mais três colegas e um deles deixou passar um cheque com assinatura falsa e o banco demitiu os quatro. Sabia quem era o culpado mas por coleguismo “segurou a bronca”. Formou-se em Agrimensura, passando a viver dessa profissão e hoje mora em Brigadeiro Tobias, perto de Sorocaba-SP.

Tinha também um lado folclórico e divertido. Nos bailes que fiz em Salto de Pirapora, ele apareceu com uma jarra enorme e percorria o baile pedindo dinheiro com o seguinte argumento: *Você pode ajudar a Viúva? Ela tem sete filhos para criar e precisa da sua ajuda*. Recolhia a grana e ia para o bar do clube, comprava cervejas, enchia a jarra e voltava para os doadores: *A Viúva manda agradecer em cerveja para você tomar*. A brincadeira pegou e se tornou prati-

camente uma atração nos bailes: *A Viúva do China*.

Morando em São Paulo, trouxe gravatas *twist* e outras fininhas que mais pareciam cadarços de sapato e foi um sucesso com a rapaziada “*bailêra*”. Novidade que nem em Sorocaba era conhecida.

Num final de baile, fomos ao bar do Nizião, em frente ao clubinho e em dado momento ele pediu silêncio e falou que estava na hora: dobrou as pernas, bateu as mãos vigorosamente nas coxas, como se fossem asas e soltou um *cocorococó cocorococó* comprido e modulado e anunciou: *São 5 da manhã e tá na hora do galo cantar*.

## **Personagens que passaram por mim**

### **Albino Sartorelli de Boituva**

Procurando novilhas nelore para comprar fui parar em Boituva onde o Seu Albino Sartorelli tinha umas no ponto de criar. Gado bonito, bem cuidado e acabei fechando negócio com ele e fomos a Boituva com um caminhão gaiola, próprio para transporte de gado, e o Seu Albino se instalou na cabine conosco até o sítio onde estava o gado. Figura pitoresca com uma “chapa” (dentadura) maior que a boca e rindo muito e cheio de prosopopeia e eu dando corda. O sítio era em Iperó e eu perguntei do camping Carroção, famoso na época como point de laser pois os campings estavam em moda. Instigado por mim começou a discorrer sua “prosa” sobre o camping: “Óia, vem uma turma de São Paulo que pega bote p’o rabo que sai corcoviano que nem burro chucro no macegá”. “Dá até um maristal na gente” (demorei para descobrir que era mal estar). “As muié vem c’um carçãozinho curtinho, deita na grama e fica fritano que nem paca no sór quente”. Eu e o Paulinho Mixirica demos muita risada com o Sartorelli e suas histórias contadas no seu jargão simples de caipira autêntico. E muito simpático, daqueles que dá gosto ouvir as histórias.

### **Caiano e Zico Mâncio**

O Caiano era um boiadeiro de Piedade que “negociava uns gadinho por estas banda”. Magricelo, alto, sempre *trajado de boiadeiro*, com chapelão e “botina ringidora” apareceu em Salto e negociamos “um lotinho de garrotes”. Marcou para vir retirar o gado pela manhã e apareceu depois das 4 da tarde para pagar com cheque. Desconfiado falei que iria consultar o cheque antes de liberar o carregamento dos boizinhos. Fiz ainda um recibo de compra e venda através do cheque número tal, banco tal etc. etc. Depois de concretizado o pagamento fizemos amizade e nas “cervejadas” que tomávamos ele narrava o episódio na sua maneira típica de homem simples “da lida”. “Óia turma, fui buscá o gado do hominho e ele pego meu cheque na mão e falô: vô cosurtá, vô cosurtá”. “Depois sentô numa mesa, ponhô um papêr na maquininha de iscrevê i tec, tec, tec marcô tudo, dia, hora, número do cheque e a contage do gadinho.” “Tudo marcadinho ali, eu que nunca tinha negociado ansim fiquei bobo de vê”. Ele narrando, já no embalo da cerveja, e a turma da mesa se deliciando.

Numa outra ocasião fui buscar um gado dele em Eldorado Paulista, região de Registro-SP, sempre com o Paulinho Mixirica a tiracolo. Chegando lá até encontrar com o seu sócio Zico Mâncio e o capataz que ia “fazê a runida do gado” foi passando o dia e fomos dormir na casa do Zico Mâncio em Itapeúna, às margens do “rio Ribêra”. Servido o jantar a prosa foi se desenrolando e o hospedeiro começou contar as suas histórias, muito sério e circunspecto: “Puis óia gente eu tive um burro por nome de Ferrante, que não havia de marvado e varadô”. “Isapava do pasto de noite e cumia as roça dos vizinho”. “No ôtro dia era só recramação e eu tinha que pagá as roça”. “Pensei cumigo: vô cunsertá a barda desse burro”. “Levei o Ferrante num pastinho fora da cidade i preendi numa mangüêra de arame farpiado, cuma portêra de 8 vara”. Ainda por cima amarrei um *sincerro* no pescoço dele. (o sincerro é uma espécie de sino ou badalo, de ferro, que chacoalha com o andar do animal fazendo um alarido alto: blém, blém, blém). Fui durmí assussegado mais no ôtro dia cedo tinha um vizinho reclamano que o Ferrante cumeu a roça de mio verde dele. Falei que num era pussíve e contei onde tava preso o *alimar*. Mas o hóme insistiu que era o Ferrante i intão marcamo pá í sondá o marvado de noite. Fiquemo na tocaia i num é que acabô de iscrecê o Ferrante abriu a portêra, tirano vara por vara cos dente i ainda fechô a portêra, vara por varade novo. I nós sondano iscondido e acumulhamo as istripulia do marvado. Rumô pá vila, atravessô pô meio das casa co pescoço duro, sem dexá dá uma batida no sincerro (neste momento ele imitava o burro projetando o queixo para frente e endurecendo o pescoço).Varô a cerca do vizinho, cumeu quanto quis i atravessô a vila de vórta, co pescoço duro, sem fazê nenhuma buia. Abriu as oito vara da portêra, entrô e fechô tudo de novo”. Eu, o Mixirica e o Caiano, hospedados pelo homem, sentados à mesa junto com a esposa e a filha dele, fazendo um esforço danado prá segurar o riso, pois o homem era mentiroso profissional. Não movia um músculo da face e falava com a seriedade de um pastor da igreja. Como duvidar da sua monumental mentira sem ofender o dono da casa? Engolimos o riso em seco, fazendo a maior cara de credulidade e só pudemos rir da história no dia seguinte.

### **Zé do Mótio de Sarapuí, o Aristeu Mocho e o Dito Pão de Salto Pirapora**

Um Caipira autêntico daquela região onde fui atrás de gado. Homem simples, da lida mas muito engraçado também. Interessante que vinte anos depois vim a saber que o prefeito de Sarapuí era o..... Zé do Mótio. A origem do nome deveria ser porquê seu pai se chamava Timóteo que virou Mótio. Fiquei muito surpreso com sua trajetória política pois nunca poderia imaginar que um simplório daqueles viraria o homem mais importante de Sarapuí. A política tem dessas coisas e parece que os mais folclóricos é que se tornam os preferidos na hora do voto. Tenho até uma expressão que cunhei para designar esses fenômenos: “O voto Cacareco”. Cacareco foi uma rinoceronte emprestada do zoológico do Rio de Janeiro para o de São Paulo no ano de 1.959 e causou tamanho rebuliço no noticiário que ficou nacionalmente conhecido (só agora descobri que não era um macho) e só se falava nela. Nas eleições de São Paulo recebeu perto de cem mil votos, quando os candidatos do PSP somados chegaram a 95 mil votos. As eleições eram feitas em cédulas de papel onde se escrevia o nome do candidato e Cacareco atingiu então a impressionante marca. Ficou caracterizado como o símbolo do voto

de protesto. Tanto que o fato se repetiu recentemente com a eleição do Tiririca: “vote no Tiririca que pior não fica”. Então dá para concluir que o povo quando está desencantado com a política tende a canalizar o seu voto para tais excrecências quase como que fazendo uma piada, debochando das eleições, que pensando bem são motivo de deboche mesmo.

Outro exemplo é o Aristeu “Mocho” daqui de Salto. Ganhou esse apelido porquê tinha olhos enormes à moda de uma coruja, popularmente conhecida como mocho. Chegou a ser processado por bater no Laertinho que o chamou pelo apelido na rua. Sua ocupação era com a “lida da lenha” nos eucaliptais da Matarazzo: contratava operadores de moto serra e cuidava do transporte da lenha para abastecer os fornos Azbe da empresa. Mudou-se depois para a cidade de Pardinho, região de São José do Rio Preto, onde acabou entrando para a política e se elegendo para prefeito por mais de uma vez. Quem poderia sonhar na época que o “Mocho” se tornaria, à exemplo de Zé do Mótio o homem mais importante de uma cidade?

Ainda em Salto tivemos o exemplo do “Dito Pão”, um homem simples, de pouca leitura, operário braçal da Matarazzo que se candidatou a vereador e foi um dos mais votados. Coisas da política que realmente não é para principiantes.

Tivemos também na cidade a Maria da Reciclagem, muito popular por recolher embalagens recicláveis nas casas e que acabou sendo muito bem votada e eleita como vereadora da cidade. Mal sabia se expressar. O Makoto é um japonês vítima da Thalidomida (medicação que causou muitos defeitos fetais) e nasceu sem os braços e sem as pernas mas se tornou muito popular na cidade pois, dono de um temperamento forte e alegre se divertia jogando futebol e indo aos bailes no clube, superando as suas deficiências com coragem e muito bom humor. Ambos igualmente folclóricos e que passaram pela política sem deixar saudades. Analisando bem nenhum vereador deixou legado pois na verdade são peões de um jogo orquestrado e que acabam sendo cooptados pelo executivo, que para poder ter projetos aprovados na Câmara, usam de todos os meios, alguns nada republicanos. Para que serve então a tal Câmara de Vereadores, ou seja o chamado Poder Legislativo, que na maioria das vezes só aprova projetos fúteis como dar nomes de ruas ou aprovar moções tecendo loas a cidadãos ditos “honoráveis”. Sem falar no João Turco, um mestre na arte política, no que ela tem de mais pernicioso. Já o descrevi como um cara que relaxava todas as nossas brincadeiras e mesmo assim foi prefeito por três vezes da nossa cidade. Nunca se levantou cedo, sempre foi relapso nas empresas em que trabalhou mas, tinha uma lábia e tanto e acabou se tornando no maior político de todos os tempos nestas plagas. Vá entender o povo?

### **Odilon Castriota Filho e a empresa OCF**

Quando encerrei minha carreira de boiadeiro e plantador de milho e feijão, ou seja, na minha autodenominação, um *agropecuaria*, estava assim meio sem saber o que fazer. Já tinha vendido todo o gado e migrado para a lavoura onde me dei relativamente bem: contrai financiamentos da carteira agrícola do Banco do Brasil e consegui quitá-los, plantei feijão e milho e obtive lucros e sucesso, mas chegou um ponto que não dava mais para continuar pois tinha sofrido alguns revezes e safras frustradas e tinha resolvido encerrar de vez as atividades antes que os prejuízos drenassem o capital que tinha amealhado na região de Cascavel. Com o gado

trocado por tratores e implementos agrícolas tinha um imobilizado razoável mas precisava urgentemente buscar nova ocupação, pois estava casado e com duas filhas pequenas e não podia me dar ao luxo de simplesmente parar e ficar sem fazer nada.

Foi então que conheci um cara fantástico chamado Odilon Castriota, de uma incorporadora imobiliária em São Paulo. Veio a Salto de Pirapora em busca de terras para arrendar no intuito de ajudar um corretor de imóveis, o Hugo Krentz, que ele, como homem magnânimo e reconhecido, achava por bem dar uma ajuda. Como corretor o Hugo tinha lhe trazido boas áreas para incorporação que se transformaram em excelentes e lucrativos empreendimentos.

Aluguei a área do atual loteamento Jardim Ilha das Flores para eles, mas a saúde do Hugo não lhe permitiu tocar o projeto de plantio de horticultura. Já tinha vindo de São Paulo à procura de sossego, pois sabia ser portador de uma leucemia. Seu estado de saúde se agravou e o Odilon patrocinou sua ida à Curitiba tentar um transplante, pagando avião, estadia do próprio, de sua mulher, de sua filhinha e até da babá, além das despesas hospitalares.

Me pediu para dar continuidade aos trabalhos mas com a vinda do plano Cruzado, as coisas se tornaram igualmente inviáveis e me incumbiu de desmontar o esquema, dispensando empregados e vendendo máquinas. Acabou me convidando para trabalhar com ele, no ramo de incorporações imobiliárias, porquê como disse, tinha gostado do *meu pique*. Fui para sua empresa, feliz por achar uma atividade remunerada e que ainda me permitia continuar tocando os meus negócios aqui em Salto, mesmo morando e trabalhando em São Paulo.

Negociamos que eu teria um dia de folga na semana para vir a Salto cuidar dos meus assuntos particulares, pois já estava em gestação a implantação do loteamento Jardim Ilha das Flores. Trabalhei com ele por cerca de 6 ou 7 anos, aprendi muito sobre o mercado imobiliário e consegui financiamentos em grandes bancos para incorporação de prédios que era a atividade da OCF Incorporadora. Tive o meu trabalho reconhecido, tinha verbas à vontade para gastar com o pessoal dos grandes bancos: almoços nos melhores restaurantes, jantares para mais de trinta pessoas numa pizzaria que descobri que fazia sob encomenda um pintado recheado assado. Quando realizamos o jantar o pessoal do banco que morava em Osasco ficou surpreso quando falei do pintado pois o local era conhecido como pizzaria.

Eu tinha recebido a dica de um amigo e falei com a dona e encomendei dois pintados de mais de dez quilos cada um. Os convidados nem imaginavam que poderiam comer peixe num local com tradição de pizzaria. Ganhei muitos pontos com o pessoal do banco por causa dessa história.

Quando o mercado imobiliário teve uma inflexão negativa, deixei a empresa e o Odilon, me deu seis meses de aviso prévio e liberdade para que eu usasse como bem quisesse da minha sala dentro da empresa na Rua Sete Abril, centro de São Paulo.

Tentei engatar uma carreira de corretor mas descobri que não tinha tino para isso: não sabia mentir nem enganar. Como dizia meu amigo Aurimar: “prá ser corretor tem que ser puta” e eu nunca quis me prostituir.

Ao final dos seis meses do guarda chuva financeiro, ele me cedeu sem custo algum um terreno de 2.400 metros no Morumbi, onde montei um estacionamento e ganhei muita grana por cerca de dez anos. Como se vê, a recompensa por minhas atitudes com a família ou fora dela veio a cavalo: e num PSI: um puro sangue inglês. Quando pediu o terreno para vender à uma incorporadora, me deu uma gratificação de vinte mil reais, isto em 2.004 mais ou menos.

Ainda me deu recomendação altamente positiva quando montei outro estacionamento num terreno próximo. Disse textualmente à Dona Cândida, proprietária do imóvel, que relutava em cedê-lo para mim: “Conheço muita gente honesta, mas ninguém mais honesto que o Carlinhos”. Deu para viver mais uns anos da renda do novo estacionamento.

Nesse meio de tempo já trabalhava para aprovar o loteamento Jardim Ilha das Flores, aqui em Salto de Pirapora e aí é outra luta e outra história.

Tenho que registrar também que poucas vezes conheci pessoas com o coração do Odilon. Sua gratidão com seus colaboradores se repetiu depois com um advogado que teve um AVC, e ele igualmente assumiu tudo: longa internação numa caríssima UTI e todos os demais gastos. Que Deus te recompense Odilon, que você seja muito feliz e muito próspero nos seus negócios. Você, um self made man, que veio de BH, “engenheirinho da Gafisa”, como um diretor ciumento de um grande banco se referiu à você e que começou tentando negociar casarões antigos no bairro chique de Higienópolis, quando era praticamente enxotado dos portões, pelas senhoras da alta burguesia paulistana. Você venceu e chegou a incorporar mais de 8.000 unidades habitacionais em São Paulo, Sorocaba, Guarujá, Porto Alegre etc. etc. Falo do seu sucesso com orgulho, pois além de ter sido meu guru e mestre, sempre foi magnânimo com seus funcionários e outros profissionais que tiveram a sorte de circular na sua órbita.

Na empresa tive a oportunidade de formar pessoas, dando-lhes a oportunidade de aprender e evoluir. O primeiro foi o Haroldo, com idade de uns 14 anos, filho do motorista particular do Odilon, o Alberto. Este pediu para empregar o filho que foi colocado como office boy mas, um dia na volta do correio teve o relógio roubado por um trombadinha do centro, o que o deixou apavorado, voltando chorando para o escritório. O Odilon falou para a Maria do Socorro arrumar alguma coisa para o garoto fazer no escritório, nem que fosse “decorar a lista telefônica”. Pedi para treiná-lo mas impus que queria avaliar a saúde dele primeiro. Era raquítico, dentes estragados na boca e eu achei que ele deveria ter verminose. O Odilon concordou e o mandamos ao médico, fazer exames parasitológicos, dentista e depois foi para uma escola de datilografia. Quando comecei o treinamento coloquei-o no computador para digitar com a novidade da época: o editor de textos word star. Aprendeu rápido e passou para o Excel, planilhas de cálculo. Ainda o orientei para “chupar” os conhecimentos dos técnicos que vinham efetuar reparos nos computadores da empresa. Em pouco tempo ele sabia dez vezes mais do que eu em softwares e cem vezes mais em hardware. Passou a efetuar consertos em todos os enormes computadores. Não havia ainda lap-tops. Tempos depois foi trabalhar em uma das grandes empresas de auditoria. Ou seja: o garotinho tímido e medroso tornou-se um funcionário graduado numa empresa multinacional. Tenho muito orgulho disso.

Na mesma empresa treinei o Ricardinho e o Edson, este último filho da Marina, que era empregada doméstica na residência do Odilon e depois veio também para a empresa como copeira.

### **Zézinho das Mercedes**

Conheci numa quadra de tênis da Swimming Center na Chácara Klabin, na avenida que vai desembocar na Imigrantes. Um nordestino de cabelo duro em formato de topete espetado

prá frente, com cara de servente de pedreiro ou pintor de paredes mas muito bom de papo. Após a partida começou a apontar os prédios de alto padrão do bairro dizendo que num deles tinha dois apartamentos, no outro tinha a cobertura e que sua casa em Mongaguá tinha 18 quartos e por aí afora. Fui conferir as bravatas com os amigos do tênis, que confirmaram o potencial financeiro do Zézinho e contaram a história da sua vida. Começou como chapeiro de uma lanchonete e se tornou querido dos fregueses pela simpatia e pela rapidez no preparo dos lanches. Juntou um dinheirinho e comprou um Mustang, todo “estrumbicado” e com o que ganhava de gorjetas foi fazendo a reforma do carro deixando-o impecável. Passou a ir ao trabalho no seu vistoso Mustang, recuperado com os detalhes originais. Um belo dia, um freguês entra no bar e pergunta de quem era o lindo Mustang estacionado na frente. Foi até o Zezinho e perguntou quanto queria para vendê-lo e o Zezinho narrou a sua luta para conseguir o que tanto sonhava e que não estava à venda por “dinheiro nenhum”. O cara foi insistindo e subindo a oferta até que o Zezinho não resistiu e vendeu. Saiu à cata de outro e repetiu todo o processo. Aí começou a gostar e foi aumentando o negócio e no seu auge tinha três lojas de Mercedes Benz na Avenida Rio Branco, que cheguei a passar em frente muitos anos antes, mas nunca imaginei que conheceria o milionário Zezinho, que foi de “chapeiro” a *boqueiro de luxo*. O local, nas imediações da Rua Santa Ifigênia sempre foi conhecido como *boca do lixo* e os donos das lojas de carros de *boqueiros*. Homens grosseirões com a camisa aberta no peito, exibindo grossas correntes de ouro e falando alto no Bar do Léo, na Rua Aurora, 100, onde os garçons esnobavam quem não era do pedaço, mas isso é outra história.

## Nhô Juca

Nascido em Araçoiaba da Serra José Rodrigues da Silva (1.931-1981), numa família de quinze filhos, ficou conhecido como Nhô Juca e como radialista atuou na cidade de Sorocaba e região. Foi “ordenhador” e boiadeiro. Começou a trabalhar na Rádio Cacique de Sorocaba em 1.952. Como ator trabalhou nos filmes *Quelé do Pajeú* e *Sertão em festa*. Compôs um samba com Ataulfo Alves Júnior.

A origem do personagem ocorreu após ter sido contratado pelo lendário homem do rádio sorocabano Salomão Pavlovsky na Rádio Vanguarda de Sorocaba. Após uma apresentação frustrada de Mazaroppi, foi instado a entreter a plateia e aí nascia o personagem Nhô Juca. Apresentava músicas sertanejas num programa matinal muito ouvido e apreciado na região da grande Sorocaba. Estimulou e divulgou o *cururu* realizando programas com grande participação dos *cururueiros* do interior paulista. O cururu, uma espécie de repente e desafio era um gênero muito apreciado pelas pessoas do interior, principalmente Sorocaba e Piracicaba.

Assisti a primeira sessão num circo, altas horas da noite, com cerca de 8 anos levado pelo meu pai Pedro Ourives e gostei da pureza e singeleza dos versos. Os desafios entravam madrugada adentro. Uma pureza autêntica caipira narrando situações do cotidiano da vida na roça e também fazendo duelos chamados de desafios. Algumas pérolas do radialista:

1. Seus comerciais tinham a sua marca pessoal e com muita graça inseria suas piadas e xistes. Um exemplo é o comercial de uma funerária de Sorocaba. *Eita funerária Nossa Senhora Aparecida, é tão boa que o defunto vai serrindo po cimitério.*



2. Outro xiste de sua autoria: *Que baita muiêrão, se fosse uma porca dava 8 lata de banha.* Uma criatividade de improviso impressionante.

3. Deu-se mal quando noticiou o tombamento de um ônibus que levava a mulherada de Salto de Pirapora para trabalhar na Alpargatas um pouco antes do viaduto que passa por cima da Rodovia Raposo Tavares. A Alpargatas contratava mulheres e esse ônibus estava lotado delas. Nhô Juca comentou o acidente: *Tumbô um ônibus da Arpagata lotado cá muiêrada que vinha do Sarto pá Sorocaba: Foi só pena que vuô.* Foi processado pela insinuação de que o ônibus estava lotado de galinhas.

4. Seu bordão preferido: *Ai Gerardina.*

Os cantadores de cururu mais famosos na época foram Zico Moreira, Pedro Chiquito, Sebastião Roque, João Davi, Manezinho Moreira, Nhô Serra e Cido Garoto, que continua ativo desde os anos 60. Antigamente os cururueiros cantavam louvações, histórias religiosas longas de maneira poética. O cururu virou um desafio só pelo aspecto de combate.

Procurei programas de Nhô Juca na internet mas não achei nenhum registro além de documentários.

## Doces (e amargas) lembranças da infância

### Os remédios da minha infância

**Veramon, Cafiaspirina, Cibalena e Tylenol:** para febres, dores de cabeça etc, etc.



**Beladona:** uma pomada marron, fedida...

**Biotônico Fontoura e Emulsão de Scott ou Óleo de fígado de bacalhau:** abria o apetite e engordava, além de sulfato ferroso para anemia. A emulsão era horrível e tinha um cara com um peixão nas costas.



**Violeta ou tintura de genciana:** para machucados.

**Merthiolate:** era *ardido* prá caramba!, queimava mas sarava. O Manzoni do Matarazzo falava para as crianças que era o *peida fogo*.

**Alho sativo (*allium sativum*):** para gripes e febres.

**Vick Vaporub:** passava nas narinas e no peitinho dos pequenos. Faz sucesso até hoje: cura tudo!!



**Erva de bicho e Hemo Virtus:** para hemorroidas.

**Lombrigueiros:** que a gente tomava e depois ficava espiando o fundo do vaso para ver as lombrigas derrubadas.

### Simpatias caseiras

**Borra de panela de ferro:** para curar boqueira.

**Pano com rodela de batata:** na cabeça para cefaleia.

**Pano entre o queixo e a cabeça:** com pó de chifre queimado ou farinha quente para curar dor de dente.

**Jogar o dentinho de leite para a lua ou a estrela**

**Entregar a chupeta para o Papai Noel:** para abandonar o uso.

**Verrugas:** tinha duas simpatias infalíveis para estirpá-las: 1 - Colocar um grão de milho na verruga e por a galinha para comer (Da irmã do meu amigo Nelsinho Pazetti: a galinha comeu a verruga e foi só sangue). 2 – Passar toicinho na verruga e jogar de costas, sem olhar para trás, dentro de um formigueiro. Minha mulher a Patrícia disse que fez para a filha mais velha e funcionou. (A prudência recomenda não duvidar do sobrenatural!!)

**Chás e mezinhas:** ruibarbo, melissa, erva doce, canela, puejo, marcela, hortelã, chá de limão “bode”, xarope de guaco com mel.

## **A saga do tenista Carlinhos da Dona Malvina**

Desanimado com as frequentes contusões no futebol, inclusive com duas cirurgias para retirada dos meniscos enveredei para o tênis começando a jogar no Tênis Clube de Cascavel. Em São Paulo joguei no Hobby Sports, com várias quadras espalhadas pela capital, também no Banespa E.C e na AABB (Associação Atlética Banco do Brasil), Swimming Center no Vergueiro, em quadras particulares no Brooklin e Pinheiros e públicas como no Parque Ibirapuera e no Parque Villa Lobos e mais um sem número de quadras. Em Sorocaba na ATT – Associação Takeda de Tênis, no Tênis Club do Helinho perto do mercado distrital de Sorocaba. Também no Ipanema Club, na Family e no Clube de Campo e por último no Quintela Tênis aqui em Salto de Pirapora mesmo.

O esporte é praticado numa quadra de saibro, que exige menos da musculatura do que em quadras rápidas e duras como as de asfalto e Chevron (derivado do petróleo). Existem também quadras de grama onde aumenta bastante a velocidade da bola. Joguei muito tempo em quadras rápidas o que provavelmente desencadeou dores nas articulações e só nos últimos dez anos, de um total de mais de trinta anos, passei a praticar o esporte em quadras de saibro e já não aguentava mais a dureza das outras quadras. O impacto nesses pisos mais duros repercutiu nas articulações.

O Tênis é um esporte mais tranquilo para se jogar que os demais pois evita choques e piques extenuantes. No futebol muitas vezes o jogador fica parado lá na ponta esquerda por exemplo e participa pouco das jogadas. Mas, quando recebe um lançamento em profundidade tem que se esfaltar na corrida e se não estiver com os músculos bem alongados pode sofrer sérias contusões.

O Tênis para quem não conhece é disputado em *sets*. O *set* é dividido em games e termina quando um jogador fecha o sexto game, normalmente. Há exceções mas vamos nos ater ao sexto game para simplificar. O game é dividido em 5 pontos. A contagem é baseada nos quartos do relógio no sentido horário (isto é teoria minha) e a marcação é 15-30-40 e game, ou seja 4 pontos seguidos fecham o game que é contado da seguinte maneira: 15-0, 15-15 (quinze iguais), 30-15, 40-15 e game. Apenas o exemplo de uma variação. Os games são contados assim 1-0, 1-1, 2-1, 2-2, 3-2, 4-2, 5-2, 6-2 e fecha o set. Porquê 15-30-40 e não 15-30-45? Tanto em

inglês como em português é mais fácil falar 40 do que 45. Os profissionais disputam partidas em melhor de 3 ou 5 sets, o que faz que muitas disputas perdurem por 4 ou 5 horas, exigindo um preparo físico e uma concentração excepcionais.

É um esporte altamente contagiante e por consequência viciante. O que se diz que o único esporte que pode fazer um tenista mudar de opção é o Golfe, que seria mais empolgante e viciante ainda.

O tênis é um esporte mais regular, pelo que se torna um exercício excepcional pois movimenta braços e pernas constantemente sem grandes alterações de ritmo, ou seja uma respiração aeróbica ritmada e contínua. O único defeito é que se o jogador for destro movimenta mais o lado direito do corpo em detrimento do lado esquerdo. Nesse quesito a natação é um esporte mais completo pois movimenta braços e pernas de ambos os lados do corpo, com perfeita sintonia, ritmo e regularidade.

Joguei tênis por cerca de quarenta anos e atribuo ao esporte o fato de não ter me tornado obeso e ter uma boa função coronariana, além do controle do açúcar, fugindo do diabetes. Fui um viciado total no esporte e até um pouco fanático, não por querer ganhar apenas, mas por querer praticar e disputar partidas o máximo de tempo possível.

Além do mais fiz excelentes amigos porquê o esporte propicia muito a socialização. É o único esporte que conheço em que quando se mata um ponto espetacularmente se pede desculpas ao oponente e em inglês ainda: Sorry. Após o jogo os participantes se cumprimentam e se elogiam com civilidade e educação e após a saída de quadra a socialização continua no bar, estimulada por uma conversa e uma boa bebida, normalmente a cerveja para matar a sede. O copo de cerveja mais delicioso que um tenista toma é aquele ingerido imediatamente após uma bem disputada partida.

**testando renderizar ao salvar**

**xxxxxx**

**hhhhh**

este teste está *ffffff* italico